

I Encontro Internacional de Historiografia Linguística

Reverendo o cânone: contrastes de gênero, raça e
produções à margem - Séc. XIX e XX

22 a 25 de abril de 2025
Universidade de São Paulo

CADERNO DE RESUMOS



Comissão organizadora

Bruna Soares Polachini (FEUSP, CEDOCH)
Cristina Altman (FFLCH-USP, CEDOCH)
Julia Lourenço (UNESP-FCLAr, CEDOCH)
Leandro Silveira de Araújo (UFU, CEDOCH)
Olga Ferreira Coelho Sansone (FFLCH-USP, CEDOCH)

Comitê científico

Cristina Altman (Univ. de São Paulo)
Filomena Gonçalves (Univ. de Évora, Portugal)
Gonçalo Fernandes (Univ. de Trás-os-montes e Alto Douro, Portugal)
Inês Machungo (Univ. Eduardo Mondlane, Moçambique)
Jean Portela (Univ. do Estado de São Paulo)
María Teresa Celada (Univ. de São Paulo)
Maria Luisa Calero Vaquera (Univ. de Córdoba, Espanha)
Olga Ferreira Coelho Sansone (Univ. de São Paulo)
Perpétua Gonçalves (Univ. Eduardo Mondlane, Moçambique)

Realização

Universidade de São Paulo
Projeto 31: Gênero e Historiografia das Ciências da Linguagem
Associação de Linguística e Filologia da América Latina - ALFAL
Centro de Documentação em Historiografia Linguística - CEDOCH | DL | USP

Apoio

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes
Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral - USP
Departamento de Linguística - DL | USP

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
-------------------------	---

1. PAINEL

Arielly de Assis Cruz

**HISTÓRIA, GÊNERO E PODER: A TRAJETÓRIA DA GRAMÁTICA
FRANCESA E A PRESENÇA FEMININA**

..... 10

Augusto Vicente

**CAMINHOS PARA UMA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA
DECOLONIAL: O SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS E A
LINGUÍSTICA INDÍGENA BRASILEIRA (1957 - 2000)**

..... 14

Fernanda Silva Freitas

**A AUTORIA FEMININA NA GRAMÁTICA CHILENA E ARGENTINA
DO SÉCULO XIX: UM OLHAR AO REGISTRO DAS FORMAS DE
TRATAMENTO**

..... 16

Luigi Parrini

**POLÍTICA LINGUÍSTICA NA HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA
BRASILEIRA DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX**

..... 18

Maria Laura Vieira de Castro

**TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE CACILDA FRANCONI DE SOUZA: A
PRESENÇA NEGRA FEMININA NOS MEIOS INTELECTUAIS LIGADA
À IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE CONTEXTUAL NA HISTORIOGRAFIA
LINGUÍSTICA**

..... 20

Mariana Nunes de Senna & Wellington Santos da Silva
**COMPREENDENDO A OBRA NOVA DE LINGOA GERAL DE MINA
(1741) COMO UM INSTRUMENTO DE CONHECIMENTO
EPILINGUÍSTICO**

.....22

Pedro de Souza Palaoro
**A DIÁSPORA JUDAICA NA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA DE
ROMAN JAKOBSON**

.....24

Silvana Silva
**MULHERES SÃO DE VÊNUS, HOMENS SÃO DE MARTE? VIESES
FEMININOS NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO
LINGUÍSTICO: UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO A PARTIR DA
REVISTA D.E.L.T. A.**

.....26

Sofia Perrone Medina
**A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA GRAMATIZAÇÃO DA LÍNGUA
FRANCESA NO BRASIL: UM PANORAMA PRELIMINAR**

.....28

Tâmara Kovacs Rocha
**LIVROS DIDÁTICOS E VOZES MARGINALIZADAS: CÂNONE,
RACIALIZAÇÃO E APAGAMENTO LINGUÍSTICO**

.....30

2. COMUNICAÇÃO ORAL

Adela González Fernández
**LA PRESENCIA DE LO FEMENINO EN LA TRADICIÓN GRAMATICAL
HISPÁNICA EN ESTADOS UNIDOS (PRIMERA MITAD DEL SIGLO
XIX) A TRAVÉS DE LA EJEMPLIFICACIÓN**

.....33

Alice Toledo Lima da Silveira ENTRE LÍNGUA, RAÇA E HISTÓRIA: A MISTIÇAGEM COMO IDEIA LINGUÍSTICA NOS ESTUDOS SOBRE O PORTUGUÊS DO BRASIL NO SÉCULO XIX	35
Bruna Polachini A palavra e o verbo sob o olhar de mulheres e homens na gramaticografia brasileira entre os séculos XIX e XX	37
Cássia Cristina Marques Venezuela RUPTURAS NO CÂNONE DE MÉTODOS DE ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NO BRASIL (XIX - XXI)	40
Cíntia Cardoso de Siqueira GRAMMÁTICA ELEMENTAR DA LINGUA PORTUGUEZA (1877), DO INTELLECTUAL NEGRO HEMETÉRIO JOSÉ DOS SANTOS: UMA VISÃO GERAL	42
Eduardo Ferreira dos Santos & Ana Paulla Braga Mattos O 'PORTUGUÊS' COMO RESSIGNIFICAÇÃO DO VALOR SOCIAL DAS DIFERENTES FORMAS DE FALAR PORTUGUÊS	44
Emma Gallardo Richards UNA SUPUESTA AUTORÍA FEMENINA EN UNA GRAMÁTICA ESCOLAR PARA NIÑAS: RUDIMENTOS DE GRAMÁTICA TEÓRICO-PRÁCTICA POR UNA PROFESORA DE LA COMPAÑÍA DE SANTA TERESA DE JESÚS (BARCELONA, 1894)	46
Esteban T. Montoro del Arco EN LOS MÁRGENES DE LA GRAMÁTICA: EL DISCURSO PROLOGAL EN LOS TRATADOS HISPÁNICOS DE ANÁLISIS	48

Felipe da Silva Vital A LINGUÍSTICA FORMAL NÃO TEM APENAS 60 ANOS: ECOS DE ASHTADHYAYI DE PANINI (500 A.C) EM THE SOUND PATTERN OF ENGLISH DE CHOMSKY E HALLE (1968 D.C)	50
Gissele Chapanski MULHERES DE LETRAS: ENTRE LACUNAS E FRAGMENTOS NO MOSAICO HISTORIOGRÁFICO DO ADVENTO DA GRAMÁTICA OCIDENTAL	52
Guillermo Toscano y García MUJERES EN LA HISTORIA DE LA LINGÜÍSTICA ARGENTINA: UN (INTENTO DE) ESTADO DE LA CUESTIÓN	55
Juan Miguel González Jiménez UNA MUJER EN EL CENTRO DEL SISTEMA EDUCATIVO CHILENO DE FINALES DEL SIGLO XIX: ANÁLISIS DE TEORÍA I PRÁCTICA DE LA ENSEÑANZA DEL CASTELLANO (BERING Y SEPÚLVEDA, 1896)	57
Julia Lourenço & Patricia Moreira CONTRASTES DE GÊNERO NA LINGUÍSTICA: PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICA E SEMIÓTICA SOBRE AS MULHERES LINGUISTAS BRASILEIRAS	59
Laura Sokolowicz UM FILÓLOGO NEGRO E A GRAMATIZACÃO DO ESPANHOL NO BRASIL: A GRAMÁTICA DA LÍNGUA ESPANHOLA PARA USO DOS BRASILEIROS DE ANTENOR NASCENTES (1920)	61
Leandro Silveira de Araujo DIÁLOGOS COM A TRADIÇÃO GRAMATICAL HISPÂNICA EM <i>EL ESPAÑOL DEL COLEGIO</i>, DE BEATRIZ DE CHACEL (1944)	63

Luana De Conto	
MATTOSO CÂMARA JUNIOR FRENTE A NOVAS QUESTÕES DE GÊNERO NA LINGUÍSTICA: NATURALIZAÇÃO E VIÉS IDEOLÓGICO	
.....	65
María Martínez-Atienza de Dios	
EL PROCESO DE GRAMATIZACIÓN EN LA ANALOGÍA (1897) DE CLORINDA MATTO DE TURNER	
.....	67
Mariela Oroño	
LA DIDÁCTICA DE LA LECTURA COMO OBJETO DE DISPUTA EN EL CAMPO PEDAGÓGICO-GRAMATICAL URUGUAYO EN EL CAMBIO DE SIGLO: EMMA CATALÁ DE PRINCIVALLE Y EL MÉTODO ANALÍTICO-SINTÉTICO DE PALABRAS NORMALES	
.....	69
Ronaldo de Oliveira Batista	
OUTRAS FONTES E OUTRAS PERSPECTIVAS NA REVISÃO HISTORIOGRÁFICA DO CONHECIMENTO LINGUÍSTICO	
.....	71
Soledad Chávez Fajardo & Claudio Gutiérrez Marfull	
UN APPENDIX PROBI EN LOS APUNTES GRAMATICALES DE EUDOMILIA GALLARDO SCHENKE (1916)	
.....	73
Sónia Coelho & Susana Fontes	
A CORRESPONDÊNCIA COMO VEÍCULO DE TRANSMISSÃO DE IDEIAS LINGUÍSTICAS E PEDAGÓGICAS: DIÁLOGOS ENTRE CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS E LUISE EY	
.....	75
Susana Fátima Póvoa Alves Fontes	
A PROPOSTA DE BERTA VALENTE DE ALMEIDA PARA UMA GRAMÁTICA HISTÓRICA DO ENSINO LICEAL: INFLUÊNCIA DO IDEÁRIO DE FRANCISCO ADOLFO COELHO	
.....	77

Wellington Santos da Silva

**DERIVA X CRIOLIZAÇÃO: CONFLITOS EM TORNO DO
TRATAMENTO CIENTÍFICO DA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS
BRASILEIRO**

.....79

3. MINICURSO 82

4. MESA DE ABERTURA E MESA DE ENCERRAMENTO 83

INTRODUÇÃO

Encontro Internacional de Historiografia Linguística

22 a 25 de abril de 2025 - CEDOCH-USP

Evento presencial na Universidade de São Paulo

Reverendo o cânone:

Contrastes de gênero, raça e produções à margem (séc. XIX-XX)

Dado que a Historiografia Linguística descreve e interpreta não apenas o conhecimento produzido sobre a linguagem e as línguas ao longo da história da disciplina, mas também oferece um aparato crítico sobre as condições da sua emergência e desenvolvimento, a reflexão sobre os objetos que tradicionalmente constam da investigação historiográfica em ciências da linguagem tem que ser tão dinâmica quanto os movimentos de avanço, recuo, revisão e reformulação do conhecimento que estabelecem.

A proposta do encontro é reunir trabalhos que problematizem nossas práticas de produção e recepção do conhecimento linguístico à luz de temas como:

- a) revisão dos critérios que tradicionalmente comandam a seleção de obras que compõem o cânone em ciências da linguagem;
- b) levantamento e análise de textos gramaticais, gramáticas pedagógicas, glossários, dicionários, etc., de autoria feminina, geralmente ausentes dos cânones consagrados pelas tradições (meta)linguísticas;
- c) discussão sobre 'racialização' das línguas, correlacionada à produção de conhecimento (meta)linguístico por pessoas de variadas etnias, raças, classes, espaços.

Considerando-se que, ao longo da história, figuras à margem do *mainstream* social e intelectual de cada época participaram em alguma medida dos processos de produção, divulgação e recepção do conhecimento linguístico, e, por diferentes razões, foram desconsideradas ou minorizadas pelos registros oficiais, a revisão dos cânones tradicionais de representação metalinguística se impõe para a linguística contemporânea e sua historiografia. Questões

como gênero, origem, raça/etnia parecem interferir nas metodologias e procedimentos de análise também em ciências da linguagem. Nada mais oportuno, pois, que se revejam os resultados produzidos pelas práticas de análise utilizadas em outros mundos intelectuais, em outros períodos da história, da perspectiva dos valores que hoje sabemos afetar a atividade científica. O presente encontro almeja identificar esses valores sociais e demonstrar como e em que medida têm afetado nossos modos de produção e réplica do conhecimento metalinguístico.

São Paulo, março de 2025
Comissão Organizadora

1. PAINEL

HISTÓRIA, GÊNERO E PODER: A TRAJETÓRIA DA GRAMÁTICA FRANCESA E A PRESENÇA FEMININA.

Arielly de Assis Cruz

Este trabalho tem como objetivo investigar a produção gramatical francesa, considerando conceitos de norma linguística, com ênfase na participação feminina e nos agentes envolvidos ao longo dos séculos, abordando as dinâmicas sociais, políticas e culturais que moldaram a gramaticografia do francês. Para isso, a pesquisa utiliza um corpus de manuais de gramática, coletados em bibliotecas universitárias francófonas, composto por obras de autoria masculina e feminina, analisadas em seus respectivos contextos históricos e linguísticos. A metodologia adota uma abordagem documental e histórica, examinando cada período à luz das influências internas e externas que moldaram as normas gramaticais. Assim sendo, a análise indica que a gramática francesa, além de funcionar como um sistema normativo, desempenhou um papel central como instrumento de controle social e imposição cultural, reforçando a hegemonia masculina nesse campo. Do mesmo modo, a pesquisa aponta uma participação feminina marginalizada até o século XIX, com avanços mais expressivos apenas a partir do século XX, quando emergem iniciativas voltadas à democratização e revisão das normas gramaticais. Identificamos, ainda, que os centros de produção gramatical refletiam as correntes ideológicas dominantes, frequentemente excluindo perspectivas alternativas e minoritárias. Portanto, pretendemos demonstrar que a gramaticografia francesa é um espelho das tensões socioculturais de cada época e destacar a relevância de uma historiografia linguística inclusiva para compreender como linguagem, poder e gênero se entrelaçam. Ao revisitar a história da gramática francesa sob esse prisma, contribuímos para a crítica dos cânones consagrados e para a formulação de abordagens mais democráticas na produção e recepção do conhecimento linguístico.

Palavras-chave: Gramaticografia; Autoria feminina; Língua francesa.

Referências:

- ANTUNES, Irlandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola, 2007.
- ARAÚJO, Leandro Silveira de. **Por uma descrição da tipologia da gramática em línguas românicas**. Revista X, v. 15, n. 7, p. 232-271, 2020.
- AYRES-BENNET, Wendy et al. **Women in the History of Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2020.
- AYRES-BENNET, Wendy. **Où sont les femmes? La (non-)présence des femmes dans le Grand Corpus des grammaires françaises, des remarques et des traités sur la langue**. Grammaticalia, édité por Jean-Marie Fournier et al. ENS Éditions, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.enseditions.12330>.
- BARTHÉLEMY, Louis. **Grammaire des dames, ou nouveau traité d'orthographe française; réduite aux règles les plus simples**. Genève: Barde, 1^a ed.1785.
- BEAUZÉE, Nicolas. **Grammaire générale**. Paris: Imprimerie Royale, 1767.
- BUFFET, Marguerite. **Nouvelles observations sur la langue française**. Paris: 1668.
- BURDY, Philipp. **Le français dans l'histoire: depuis ses origines jusqu'au XVIe siècle**. In: POLZIN-HAUMANN, Claudia; SCHWEICKARD, Wolfgang (eds). Manuel de linguistique française. Berlin: Gruyter, 2015. p. 11-38.
- CAPUT, Jean-Pol. **La langue française, histoire d'une institution, 2 vol**. Paris: Librairie Larousse (Collection L), 1975,
- CHERVEL, André (1977). **Et il fallut apprendre à écrire à tous les petits français. Histoire de la grammaire scolaire**. Paris: Payot, 1977.
- DOUAY-SOUBLIN, Françoise. **Nouvel examen de la Grammaire raisonnée de Mme Du Châtelet**. Ferney-Voltaire: Centre international d'études du XVIIIe siècle, 2008. p. 171-195.
- ELALOUF, Aurélia. **De la nomenclature grammaticale de 1910 à la terminologie grammaticale de 2020**. Scolia :2022.
- ELMIGER, Daniel. **Féminisation de la langue française : une brève histoire des positions politiques et du positionnement linguistique**. In A. Duchêne & C. Moïse (dirs), Langage, genre et sexualité (pp. 71-89). Québec : 2011.
- FREITAG, Raquel. **Não existe linguagem neutra!: o gênero na sociedade e na gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2024.

GARCIA, Dantielli; SOUSA, Lucília. **A manualização do saber linguístico e a constituição de uma linguagem não sexista**. *Línguas & Letras*, v. 17, n.35, p.86- 106, 2016.

IVÁÑEZ, Montserrat Planelles. **L'influence de la planification linguistique dans la féminisation des titres en France et au Québec : deux résultats différents en ce qui a trait à l'usage**. *Revue Québécoise de Linguistique*, v. 24, n. 2, p. 71-106, 1996.

LESSARD, Michaël; ZACCOUR, Suzanne. **Grammaire non sexiste de la langue française: le masculin ne l'emporte plus!**. Saint-Joseph-du-Lac: M éditeur, 2017.

MILLS, Sara. **Language and sexism**. New York: Cambridge University Press, 2008.

MINERVA, Nadia. **Femmes grammairiennes ? Les Lettres de Mademoiselle à Monsieur Professeur de Rhétorique [...] sur la Langue Française (1756)**. , Documents pour l'histoire du français langue étrangère ou seconde. 2012. P. 47-48.

PIRON, Sophie. **La grammaire du français au XVIe siècle**. *Correspondance*, v. 13,

n. 4, 2008. Disponível em: <https://correspo.ccdmd.qc.ca/document/bon-chic-bon-genre-a-la-page/la-grammaire-du-francais-au-xvie-siecle/>.

Piron, Sophie. **La grammaire du français au XVIIe siècle**. *Correspondance*, v. 14,

n. 1, 2008. Disponível em: <https://correspo.ccdmd.qc.ca/document/pages-dhistoire-tendances-2008-2009/la-grammaire-du-francais-au-xviiie-siecle/>.

PIRON, Sophie. **La grammaire du français au XVIIIe siècle - 2e partie**. *Correspondance*, v. 14,n. 3, 2009. Disponível em: <https://correspo.ccdmd.qc.ca/document/variations-sur-la-quadrature-du-cercle/la-grammaire-du-francais-au-xviiiie-siecle/>.

PIRON, Sophie. **La grammaire du français au XIXe siècle - 1re partie**. *Correspondance*, v. 14, n. 4, 2009. Disponível em: <https://correspo.ccdmd.qc.ca/document/renouveau-et-traditions/la-grammaire-du-francais-au-xixe-siecle-1re-partie/?action=genpdf&id=18514>.

PIRON, Sophie. **La grammaire du français au XXe siècle - 1re partie**. *Correspondance*, v.15, n. 4, mai 2010. Disponível em: <https://correspo.ccdmd.qc.ca/document/la-maitrise-de-la-langue-et-si-tout-le-monde-sy-mettait/la-grammaire-du-francais-au-xxe-siecle-1re-partie/?action=genpdf&id=18476>.

PIRON, Sophie. **La grammaire du français au XXe siècle - 2e**

partie. Correspondance, v. 17, n.1, outubro 2011. Disponível em: <https://correspo.ccdmd.qc.ca/document/des-propositions-pour-renforcer-la-maitrise-de-la-langue-par-les-cegepiens/la-grammaire-du-francais-au-xxe-siecle-2e-partie/>.

QUARTARARO, Anne. **Women Teachers and Popular Education in Nineteenth Century France: Social Values and Corporate Identity at the Normal**

School Institution. Newark: University of Delaware Press and Associated University Presses. 1995.

SOMAIZE, Antoine Baudeau de. **Le Grand Dictionnaire des Pretieuses, historique, poetique, géographique, cosmographique, cronologique, & armoirique.** Paris: J. Ribou. 1661

SCHMITT, Christian. **Le français dans l'histoire du XVIIe siècle à nos jours.** In: POLZIN-HAUMANN, Claudia; SCHWEICKARD, Wolfgang (eds). Manuel de linguistique française. Berlin: Gruyter, 2015. p. 40-71.

SWIGGERS, Pierre. **Grammaticographie.** In: POLZIN-HAUMANN, Claudia; SCHWEICKARD, Wolfgang (eds). Manuel de linguistique française. Berlin: Gruyter, 2015. p. 525-555.

TELL, Julien. **Les grammairiens français depuis l'origine de la grammaire en France jusqu'aux dernières œuvres connues.** Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, 1874.

VAUGELAS, Claude Favre de. **Remarques sur la langue française.** Paris: Vve J. Camusat et P. Le Petit, 1647.

VIENNOT, Éliane. **Non, le masculin ne l'emporte pas sur le féminin ! Petite histoire des résistances de la langue française.** Donnemarie-Dontilly, 2014.

CAMINHOS PARA UMA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA DECOLONIAL: O SUMMER INSTITUTE OF LINGUISTICS E A LINGUÍSTICA INDÍGENA BRASILEIRA (1957 - 2000)

Augusto Vicente

Essa comunicação se insere no intento maior de uma pesquisa de mestrado, na qual buscamos explorar a posição da instituição missionária norte-americana, Summer Institute of Linguistics (SIL), na história da linguística indígena brasileira, a partir de uma Historiografia Linguística Decolonial (Coelho, 2024). Diante disso, temos como objetivo rever tal objeto, tensionando tópicos abertos por tal literatura. Mais precisamente, isso significa seguirmos por uma via da historiografia da ciência como proposta por Maldonado-Torres, 2016, na qual o autor concebe a emergência da ciência moderna enquanto um movimento antagônico ao que chama 'linha teológica', uma forma de explicar o mundo que o dividia entre religiões falsas e verdadeiras. O SIL e a linguística indígena brasileira viveram um conjunto de controvérsias a partir da segunda metade do século XX (Barros, 1993), que consistiu em períodos de legitimação e deslegitimação do trabalho científico em Linguística da instituição, principalmente em função do seu trabalho de conversão. No entanto, ao final do século, a discussão ganhou novas feições quando Seki, 2000 parece colocar em questão a afirmação de Leite, 1995 de que a Linguística Indígena teria herdado seus métodos de descrição linguística dos missionários norte-americanos (p. 55), sob a alegação dessa abordagem já ser "incorporada à Linguística em geral" (p. 285). Queremos abordar como o conflito existente nesse debate, conforme interpretado pelos linguistas brasileiros, se apresenta como um desdobramento de uma dicotomia bastante cara à ciência moderna: fato x valor (Mariconda, 2006). Para Mariconda, essa dicotomia fundamenta as práticas científicas atuais expurgando o valor, em detrimento do fato. Ao utilizarmos o Modelo de Hierarquização do Debate Científico (Laudan, 1984) para explicar essas discordâncias, vemos que os valores cognitivos, estratégia que permite a entrada dos valores na ciência a partir da neutralidade cognitiva (Mariconda, 2006), raramente são mencionados nas considerações feitas para deslegitimação do trabalho do SIL. Isso se daria pelo fato de que a discordância axiológica em curso talvez não seja estritamente cognitiva, e, contraditoriamente, tanto os linguistas não-missionários quanto os missionários se correspondem em um valor fundamental para ciência

moderna: o controle da natureza (Mariconda, 2006). Uma abertura para explicação do que significa esse conceito dentro da linguística é preconizada também pelo que Maldonado-Torres, 2016 chamará de linha ontológica, que passa a questionar no pensamento moderno ocidental a 'humanidade' de determinados sujeitos. Pioneiros da linguística indígena no Brasil ou não, é possível afirmar que o SIL teve forte influência na difusão "[d]a moderna linguística descritiva" (Rodrigues, 1963), mais precisamente na metodologia de campo no estudo de línguas indígenas. No entanto, a possibilidade de uma instituição religiosa operar como uma instituição científica para alcançar seu fim proselitista, apesar de constranger os cientistas, nos lembra da linha ontológica herdada por um mundo dividido pela linha teológica (Maldonado-Torres, 2016, p. 82).

Palavras-chave: Decolonialidade; Linguística Indígena; Linguística Missionária

Referências

- BARROS, Maria Candida Drumond Mendes. **Linguística missionária: Summer Institute of Linguistics**. 1993. 3v. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1580493>.
- COELHO, Olga. Historiografia Linguística Decolonial. In: LEITE, Marli Quadros; HACKEROTT, Maria Mercedes Saraiva; SIQUEIRA, Cíntia Cardoso De. **Tópicos em Historiografia da Linguística: Das Práticas Linguísticas À Meta-Historiografia**. (Publicações BBM). Universidade de São Paulo. Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2024. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786587936338> Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/1437.
- LAUDAN, Larry. **Science and values: The aims of science and their role in scientific debate**. Univ of California Press, 1984.
- LEITE, Yonne. A pesquisa com línguas indígenas brasileiras: um debate. **Confluência**, p. 53-59, 1995.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Transdisciplinaridade e decolonialidade. **Sociedade e estado**, v. 31, p. 75-97, 2016.
- MARICONDA, Pablo Rubén. O controle da natureza e as origens da dicotomia entre fato e valor. **Scientiae Studia**, v. 4, p. 453-472, 2006.
- SEKI, Lucy. A linguística indígena no Brasil. **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 15, p. 257-290, 1999.

A AUTORIA FEMININA NA GRAMÁTICA CHILENA E ARGENTINA DO SÉCULO XIX: UM OLHAR AO REGISTRO DAS FORMAS DE TRATAMENTO

Fernanda Silva Freitas

Durante o século XIX, verifica-se um aumento na produção de manuais escolares na Espanha, entre eles, gramáticas, visando chegar às instituições de ensino (Varela Iglesias, 2010). Esse aumento é reflexo de um movimento que ocorria também em terras americanas, que tornava a educação obrigatória e previa, entre outras disciplinas, o ensino da língua espanhola (Gallo e Conde, 1986; Zamorano Aguilar, 2023). Assim, nesse momento, muitas gramáticas escolares são publicadas e algumas em específico são adaptadas por outros autores para o formato de compêndio, de modo que seu conteúdo também chegasse às aulas de espanhol. As duas mais importantes delas são a da Real Academia Española (1880) e a de Andrés Bello (1781-1865), importante humanista venezuelano, que publica sua *Gramática de la lengua castellana* em 1847. No presente trabalho, foram analisadas quatro gramáticas pedagógicas produzidas no Chile e na Argentina durante o século XIX, com especial atenção aos capítulos dedicados às formas pronominais de tratamento. A língua espanhola, em seu sistema de pronomes de tratamento, apresenta formas diferentes para tratar o interlocutor a depender de certos fatores, como o nível de familiaridade e o lugar que os falantes ocupam na hierarquia (RAE, 2010). Esse sistema apresenta relativa estabilidade, não obstante a variação diastrática do emprego de certos pronomes; seu momento de maior mudança foi verificado entre os séculos XVII e XVIII (Penny, 2014). A localização geográfica dos falantes também determina quais pronomes serão empregados. Dentro do cenário atual de uso, destacam-se as situações de países como o Chile e a Argentina, por serem países *voseantes*, isto é, que empregam alguma forma do pronome *vos* no tratamento de familiaridade/informalidade. Esse panorama de uso se consolida, nos dois países, durante o século XIX, ainda que se verifique uma avaliação negativa quanto ao emprego de *vos*, especialmente no caso do Chile (Torrejón, 1986). Nossa investigação visou, através da análise do registro das formas de tratamento, observar como a sociedade oitocentista via e lidava com usos divergentes daqueles descritos pela norma padrão, dentro de um contexto de pós-independência. Para tanto, utiliza-se a metodologia de cotejamento e análise proposta por Pierre Swiggers (2013), com as três etapas de

investigação. Assim, a pesquisa teve um primeiro momento de coleta das gramáticas, que foi seguido pela etapa de análise da introdução e seção de formas pronominais de tratamento em cada gramática e, finalmente, se deu a etapa de sistematização dos dados encontrados. Nesta comunicação, apresentamos os resultados encontrados durante a análise das gramáticas publicadas por duas professoras, que usaram as obras de Bello e da RAE como fonte para o ensino de espanhol nas escolas. Uma é a da espanhola Francisca Soler de Martínez (1849-1921) e a outra é de Hersilia Larenas de Herrera, cujas informações pessoais não foram encontradas. Serão apresentadas informações sobre as autoras (quando disponíveis), sua contribuição na história do ensino de língua espanhola em seus respectivos países (Argentina e Chile) e uma comparação entre suas explicações sobre formas de tratamento e as das obras que foram utilizadas como base para a redação desses manuais.

Palavras-chave: Gramatização; autoria feminina; língua espanhola; gramática pedagógica; formas de tratamento.

Referências

- GALLO, Ezequiel; CORTÉS CONDE, Roberto. **Argentina, la Republica conservadora**. Buenos Aires: Hyspamerica, 1986.
- PENNY, Ralph. **Gramática histórica del español**. 2ª ed. Barcelona: Ariel Letras, 2014.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Nueva Gramática de la Lengua Española**. Madri. Espasa Libros. Manual, 2010.
- SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. **Confluencia**. Revista do Instituto de Língua Portuguesa, 44. pp. 39-59, 2013.
- TORREJÓN, Alfredo. Acerca del Voseo Culto de Chile. **Hispania**, v. 69, n. 3, p. 677, 1986.
- VARELA IGLESIAS, Miriam. Sobre los manuales escolares. **Escuela Abierta**, n. 13, p. 97-114, 2010.
- ZAMORANO AGUILAR, Alfonso. Las nociones prácticas de Isabel Guzmán de Bressler (Lima 1876) y el compendio de Hersilia Larenas de Herrera (Santiago de Chile 1881): dos modelos teóricos distintos de gramatización y enseñanza del español en América Latina, **Lingüística/Linguística**, v. 39, n. 1, 2023.

POLÍTICA LINGUÍSTICA NA HISTÓRIA DA LINGUÍSTICA BRASILEIRA DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

Luigi Parrini

A expressão “política linguística” evoca uma multiplicidade de conceitos, definições e origens. Na história dos estudos linguísticos, seu estatuto apresenta-se desafiador tanto como objeto teórico quanto objeto observacional (DASCAL e BORGES NETO, 1991) e, por consequência, também como disciplina dessa área de conhecimento. Nesta pesquisa de mestrado, procuro entender como a disciplina se construiu epistemologicamente no Brasil ao longo da segunda metade do século XX. O primeiro movimento previsto é montar a teia de referências, diálogos e embates presentes em trabalhos referenciados como precursores de um pensamento voltado à construção de políticas linguísticas no Brasil, tais como Houaiss (1960) e Cunha (1976 [1964]). Para isso, usarei técnicas de mapeamento (SWIGGERS, 2013) que possibilitem apontar convergências e divergências entre esses trabalhos e o aporte teórico-metodológico que embasou o posterior estabelecimento institucional da Política Linguística no Brasil, marcado por linhas de pesquisa como a Glotopolítica (GUESPIN; MARCELLESI, 1986), a Linguística Aplicada, por meio da História das Ideias Linguísticas (ORLANDI, 1988), os Direitos Linguísticos (SEVERO, 2022) e a Teoria da Gestão da Língua (SPOLSKY, 2004). A partir do mapeamento, buscarei entender quais são os programas de investigação (SWIGGERS, 1987, 2004) aos quais esses trabalhos precursores se associam, e avaliar de que forma foram incorporados – se é que foram – às linhas de pesquisa que lideraram a institucionalização da disciplina no país. Em adição, busco compreender o percurso da Política Linguística no Brasil em comparação com outras regiões do Sul Global, focos de atenção no estabelecimento internacional da disciplina entre as décadas de 1950 e 1960. Organizada como um empreendimento pós-colonial, com uma missão paradoxalmente colonialista, “a política linguística é entendida [naquele momento] como uma forma de resolver ‘problemas linguísticos’ em novas sociedades multilíngues” (LAGARES, 2018). O desafio primeiro desta investigação, portanto, é buscar compreender a existência e a natureza da continuidade entre trabalhos que já discutiam questões políticas na língua portuguesa (e, porventura, em outras línguas) no Brasil, e obras e eventos que parecem ter reacendido o interesse institucionalizado e disciplinarizado em outras

abordagens políticas dos fatos linguísticos no país. Nesse movimento, é possível abrir espaço para uma discussão e possível revisão da cronologia dos estudos de Política Linguística no Brasil.

Palavras-chave: Política Linguística; Historiografia Linguística; linguística brasileira

Referências

- CUNHA, C. Uma política do idioma. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1976 [1964].
- DASCAL, M; BORGES NETO, J. De que trata a lingüística, afinal? In: Histoire Épistémologie Langage, tome 13, fascicule 1, 1991. Épistémologie de la linguistique. pp. 13-50.
- GUESPIN, L; MARCELLESI, J-B. Por la glotopolítica. In: LANGAGES n° 83, 1986: 5-34. Traducción de Pablo Salas Tonello para la cátedra de Política y Planificación lingüísticas - Facultad de Filosofía y Letras - UNT - Año 2011.
- HOUAISS, A. Sugestões para uma política do idioma. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1960.
- LAGARES, X.C. Qual política linguística?: desafios glotopolíticos contemporâneos. São Paulo: Parábola, 2018.
- ORLANDI, E. P. (Org.) Política Linguística na América Latina. Campinas: Pontes Editores, 1988.
- SEVERO, C. G. (org.) Políticas e direitos linguísticos: revisões teóricas, temas atuais e propostas didáticas. Campinas: Pontes Editores, 2022.
- SWIGGERS, P. L'historiographie des sciences du langage: intérêts et programmes. INTERNACIONAL CONGRESS OF LINGUISTICS, 14, 1987 (August 10 - August 15), Berlin/GDR, Proceedings, Berlin: Akademie-Verlag, p. 2713-2716, 1991a.
- _____. Modelos, Métodos y Problemas en la historiografía de la lingüística. Nuevas Aportaciones a la historiografía lingüística. Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL. La Laguna (Tenerife), 22 al 25 de octubre de 2003. p. 113-146, 2004.
- _____. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. In: Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, n. 44-45, 2013, p. 39-59.

TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE CACILDA FRANCIONI DE SOUZA: A PRESENÇA NEGRA FEMININA NOS MEIOS INTELECTUAIS LIGADA À IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE CONTEXTUAL NA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA

Maria Laura Vieira de Castro

O presente trabalho possui como finalidade analisar e dar a conhecer o contexto de atuação intelectual de Cacilda Francioni de Souza (1858-1933), professora de língua portuguesa e autora de livros didáticos sobre literatura, enquanto mulher negra carioca na segunda metade do século XIX e anos iniciais do XX. Neste trabalho, exploramos a Historiografia Linguística de um ponto de vista contextual, isto é, buscamos estabelecer o “clima de opinião” do período e local estudados (Koerner, 2014). Utilizamos como fontes ocorrências jornalísticas presentes nos periódicos *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Commercio*, nas quais Cacilda Francioni de Souza é citada ou é a própria redatora, com o objetivo de apreender dados biográficos e sua trajetória intelectual. Ademais, para esta pesquisa, recorreremos também a estudos centrados em aspectos que tocam a vida de Souza, como aqueles a respeito da feminização do magistério e do contexto experienciado pela população negra brasileira da época, tais quais Almeida (1998) e Castanha (2015), no primeiro caso, e Santos (2005) e Schwarcz (1993), no último. Apesar de ser mulher e ser negra no Rio de Janeiro da virada do século, características que a afastaram da vida intelectual, Souza teve uma carreira relevante enquanto professora de português. Após estudar na Escola Normal da Corte, tornou-se diretora da 2ª escola pública primária do 2º grau do sexo feminino, e a partir de 1897 passou a dar aulas na Escola Normal do Distrito Federal, ao lado de grandes nomes da filologia brasileira como Alfredo Gomes e Hemetério dos Santos. Também publicou os livros “Noções de Litteratura Nacional” (1896) e “Resumo da História Litteraria” (1902), pela Laemmert & C. Editores, frequentemente divulgados nos jornais e que foram utilizados em diversos estabelecimentos de ensino, como o Colégio Militar. Dessa maneira, nossos resultados pretendem demonstrar, a partir da vida acadêmica de Souza, que mulheres negras pertencentes ao século XIX não podem ser excluídas da memória histórica acerca da intelectualidade. Nesse sentido, percebemos que a realidade dessas mulheres marcadas por relações de raça precisa ser complexificada, visto que não se resume à submissão e marginalização. Essas conclusões estão em conformidade com o trabalho de Bernardes (1989), no

qual é explorado o papel feminino sob diversos aspectos, desde a idealização acerca da mulher do século XIX, até os posicionamentos desta. Ou seja, os resultados da pesquisadora centram-se na pluralidade feminina, baseada nos inúmeros feitos realizados por mulheres, cujas trajetórias podem variar entre vida doméstica e dedicação profissional. Por fim, reconhecemos a importância do princípio contextual nos trabalhos de Historiografia Linguística, sobretudo quando se trata de realizar uma revisão do cânone, a fim de compreender com mais clareza as razões e a forma como se deu o prestígio ou o apagamento de certos agentes e materiais.

Palavras-chave: Século XIX; Feminização do magistério; Intelectualidade negra

Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e Educação: a Paixão pelo Possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. **Mulheres de ontem?** Rio de Janeiro - Século XIX. São Paulo: T.A Queiroz, 1989.

CASTANHA, André Paulo. O processo de feminização do magistério no Brasil do século 19: coeducação ou escolas mistas. **Hist. Educ. [online]**, Porto Alegre, v. 19, n. 47, p. 197-212, set./dez. 2015.

KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. O problema da metalinguagem na historiografia linguística. *In*: KOERNER, Ernst Frideryk Konrad. **Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados**. CEL, UTAD, 2014, p. 75-90.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do Ser Negro: um percurso das idéias que naturalizaram a inferioridade dos negros**. São Paulo/Rio de Janeiro: Educ, 2005.

SCHWARCZ, Lília Moritz. **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870 - 1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1933.

COMPREENDENDO A OBRA NOVA DE LINGOA GERAL DE MINA (1741) COMO UM INSTRUMENTO DE CONHECIMENTO EPILINGUÍSTICO

Mariana Nunes de Senna Autor e Wellington Santos da Silva

O objetivo deste trabalho é apresentar uma abordagem decolonial da *Obra Nova de Lingoa Geral de Mina*, documento escrito por António da Costa Peixoto em 1741, em Vila Rica de Ouro Preto, centro da economia mineradora entre os séculos XVII e XVIII, no Brasil. Nosso intuito é mostrar que, ainda que a *Obra Nova* (1741) não possa ser compreendida como um dos instrumentos metalinguísticos tradicionais (AUROUX, 1992) comuns aos contextos coloniais lusitanos – representados sobretudo por gramáticas e catecismos (FERNANDES, 2015) –, o documento elaborado por Costa Peixoto retrata uma forma orgânica de produção de conhecimento sobre a língua em meio a uma das principais ecologias de contato do Brasil colonial (MUFWENE, 2008). De acordo com Coelho e Santos (2022), não raro, as ideias e práticas linguísticas do contexto transatlântico sofrem com lacunas, ocultações, silenciamentos e invisibilizações, frutos do entendimento norte-cêntrico das línguas e dos falantes. Tal leitura, representativa daquilo que Coelho e Santos (2022) chamam de “colonialidade do saber”, parece ter afetado algumas abordagens críticas sobre a *Obra Nova* (1741). Lopes (1945), por exemplo, classifica o documento como um “livro esquisito”, queixando-se de sua incapacidade de oferecer conhecimento legítimo sobre a estrutura gramatical da língua africana falada no Brasil. Para o estudioso português, especialista em temas africanistas – como religiosidade e escravidão –, além do caráter “rudimentar” do trabalho realizado por Costa Peixoto, a fragilidade da *Obra Nova* (1741) também seria derivada do fato de que os africanos escravizados no Brasil não falavam bem a variedade africana, contaminando a “pureza da língua”. Além disso, Lopes (1945) critica a proximidade que Costa Peixoto havia estabelecido com os africanos escravizados, gerando seu afastamento “da linguagem castiça para aceitar o rude linguajar em uso nas Gerais” (p. 65). Aparentemente, na visão de Lopes (1945), o perfil social de Costa Peixoto tornava-o menos capaz de elaborar um instrumento linguístico. Anos depois, Bonvini (2008) segue a postura crítica de Lopes (1945), ao inseri-lo explicitamente em seu horizonte de retrospectão (AUROUX, 1992), e avaliando os dados hauridos por Costa Peixoto como de

baixa qualidade. Em nossa perspectiva, a crítica dos autores supracitados é derivada da natureza da *Obra Nova* (1741) enquanto instrumento linguístico, fato que alimenta a descrença acerca do conhecimento por ele oferecido. Assim, neste trabalho, com base na proposta de Auroux (1992), classificamos a *Obra Nova* (1741) como um instrumento de conhecimento epilinguístico, construído no contato com africanos escravizados no período colonial. Conforme revelam estudos recentes, de natureza teórica e também no campo da percepção, o referido instrumento epilinguístico é essencial para a compreensão histórica das línguas Gbe, e também para a formulação da história do português brasileiro (ABOH, 2015; NEGRÃO E VIOTTI, 2020).

Palavras-chave: História linguística transatlântica; conhecimento epilinguístico; decolonialidade.

Referências

- ABOH, E. O. **The Emergence of Hybrid Grammars: Language Contact and Change.** Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização.** Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- BONVINI, E. Línguas africanas e português falado no Brasil. In: FIORIN, J. L.; PETTER, M.M.T. (orgs.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa.** São Paulo: Contexto, 2008.
- COELHO, O. F.; SANTOS, E. F. Macedo Soares, Amélia Mingas e a Historiografia Linguística Transatlântica. **Cadernos de Estudos Linguísticos (UNICAMP)**, v. 64, p. 1-16, 2022.
- FERNANDES, G. Primeiras Descrições das Línguas Africanas em Língua Portuguesa. **Confluência - Revista do Instituto de Língua Portuguesa**, n. 49, p. 43-67, 2015.
- LOPES, E. C. Os trabalhos de Costa Peixoto e a língua Evoe no Brasil. In: SILVEIRA, L. **Obra Nova de Língua Geral de Mina**, de António da Costa Peixoto. Agência Geral das Colônias: Lisboa, 1945.
- MUFWENE, S. S. **Language Evolution: contact, competition and change.** London: Continuum, 2008.
- NEGRÃO, E; VIOTTI, E. Abordando a emergência das peculiaridades do sujeito do português brasileiro a partir das margens da Ciência Linguística. **Cuadernos de La Alfal**, n. 12(2) noviembre, p. 174-198, 2020.

A DIÁSPORA JUDAICA NA HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA DE ROMAN JAKOBSON

Pedro de Souza Palaoro

Judeu refugiado no Estados Unidos, Roman Jakobson foi um dos mais destacados linguistas do século XX. Neste trabalho elegemos os textos “Linguística e teoria da comunicação” (1961) e “L’agencement de la communication verbal” (1972), que nos interessam particularmente para construir nossa Dissertação de Mestrado (em andamento). Uma leitura preliminar indica que o autor foi transformando o modo como conecta ‘língua’ e ‘comunicação’ ao se debruçar cada vez mais sobre a semiótica. Jakobson também parece se afastar, ano após anos, da visão funcionalista que o conduzia durante seu período europeu. Em pesquisa apresentada pela orientadora, Profa. Dra. Silvana Silva, em evento organizado pelo CEDOCH em novembro de 2024, constatou-se que a bibliografia linguística europeia, em especial o nome de F. de Saussure, teve significativa redução da relevância em face de autores norte-americanos, tais como o semioticista C. Pierce, o que para nós revela, do ponto de vista historiográfico, o ensejo de Jakobson de dialogar com seus pares de sua nova pátria. Jakobson participou de alguns dos mais importantes movimentos linguísticos ao longo de sua prolífica carreira como professor e pesquisador. Ainda na União Soviética, foi integrante importante do formalismo russo (TODOROV, 1965). E quando desiludido com o regime soviético, nos anos 1920, Jakobson se muda para Praga para concluir seu doutorado e trabalhar como integrante da missão diplomática Soviética. Foi na Tchecoslováquia que ele participou da fundação do Círculo Linguístico de Praga (TOLEDO, 1978), onde se aprofundou nos estudos sobre fonologia (ALTMAN, 2021). Com o início dos movimentos nazistas em solo alemão, Jakobson fugiu para Dinamarca e depois Suécia, onde desenvolveu alguns de seus estudos sobre afasia (Kučera, 1983). Foi apenas em 1941, que juntamente com outros colegas judeus que Jakobson decidiu refugiar-se nos Estados Unidos a convite da Escola Livre de Altos Estudos, fundada por um grupo de cientistas europeus também refugiados. Na América do Norte foi que Jakobson se estabeleceu e desenvolveu toda a segunda metade de sua carreira. Passando por várias universidades até chegar a Harvard, o linguista colaborou com inúmeros outros expoentes da linguística e da antropologia de seu tempo, amplificando ainda mais sua influência em áreas como linguística, fonologia e comunicação (DOSSE,

2019). Pretendemos compreender em que medida a trajetória jakobsoniana, convivendo com diferentes escolas de pensamento, refletiu em sua produção bibliográfica. Como viés metodológico, elegemos um texto produzido poucos anos depois da emigração à América do Norte bem como um texto de uma época em que Jakobson já tinha um espaço universitário bem constituído nos Estados Unidos para verificar se houve diferença nos conceitos de 'língua' e 'comunicação'.

Palavras-chave: Linguística. Roman Jakobson. Estruturalismo. Comunicação. Língua.

Referências

ALTMAN, Cristina. A guerra fria estruturalista: estudos em historiografia linguística brasileira. São Paulo: Parábola, 2021. 262 p.

DOSSE, F. História do estruturalismo. Vol.1. O campo do signo. São Paulo: Editora UNESP, 2019.

KUČERA, Henry (1983). "Roman Jakobson". *Language*. 59 (4): p871-p883. Disponível em <<https://www.jstor.org/stable/413375>>

JAKOBSON, Roman. "Linguística e teoria da comunicação", in *Linguística e Comunicação*. Editora Cultrix, 1961.

_____. "L'agencement de la communication verbale", in *Essais de Linguistique Generate*, Volume 1. Paris: Minuit, 1973.

Roman Jakobson. Papers, MC-0072, box X. Massachusetts Institute of Technology, Department of Distinctive Collections, Cambridge, Massachusetts. Disponível em URL: <<https://archivesspace.mit.edu/repositories/2/resources/633>> Acessado em 17 Fevereiro de 2025.

SILVA, S. Roman Jakobson para além da teoria das funções da linguagem: do interesse a partir de um grupo de pesquisa sul-nordeste do Brasil. *Caderno de Resumos*. XVI Encontro de Historiografia Linguística. 2024, p. 5-6. Disponível em: <https://cedoch.fflch.usp.br/sites/cedoch.fflch.usp.br/files/inline-files/Caderno%20de%20resumos%20XVI%20EHoL%20-%20Vers%C3%A3o%20final.pdf>

Acessado em 17 fevereiro 2025.

TOLEDO, D. (org.). *Círculo linguístico de Praga: estruturalismo e semiologia*. Porto Alegre, Globo, 1978.

TODOROV, Tzvetan. *Théorie de la littérature (antologia do formalismo russo)*. 1965

MULHERES SÃO DE VÊNUS, HOMENS SÃO DE MARTE? VIESES FEMININOS NA CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO LINGUÍSTICO: UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO A PARTIR DA REVISTA D.E.L.T. A.

Silvana Silva

Epistemólogos do porte de Jean Claude Milner (2021) têm questionado a pretensa associação absoluta entre linguística e ciência, trazendo elementos institucionais e sociológicos para a discussão da autoproclamada ‘autonomia’ da Linguística. Nesse sentido, este trabalho objetiva compreender o viés feminino na construção do pensamento linguístico no Brasil a partir de um estudo de revisão sistêmica em artigos de um (1) periódico de Linguística de reconhecido valor no Brasil, a saber, a Revista D.E.L.T.A (PUC-SP). Procuramos ratificar, ampliar ou revisar criticamente a hipótese de Altman e Lourenço (2023) que, em análise da produção bibliográfica de homens e mulheres linguistas em seis (6) periódicos entre 1960 e 1990, observa uma predominância de temas meta-teóricos na produção intelectual dos homens em comparação a temas gramaticais na produção das mulheres, o que, segundo as autoras, revela uma “divisão do mundo entre temas mais masculinos, “teóricos e abstratos” e temas mais femininos, ditos “concretos” (2023, p. 9383). Para atingir este objetivo, nos valeremos do modelo teórico-metodológico de Swiggers (2013) sobre a construção historiográfica e meta-historiográfica. Procuraremos avaliar a construção de um discurso “a partir” do feminino sobre o fazer linguístico observando a presença de continuidades/rupturas de tal discurso ao longo do tempo a partir das variáveis propostas por Swiggers, a saber, *mudança, revolução, conversão, progressão, estagnação, regressão, conservação, perda, rejeição, recorrência, continuidade, descontinuidade, inovação e antecipação*. Para tal comparação, serão selecionados somente artigos de autoria feminina de natureza meta-teórica, nos quais observaremos, notadamente nas seções de introdução e conclusão, a posição enunciativa crítica, criativa ou corroborativa das autoras quanto aos postulados teóricos esboçados. Serão selecionados artigos escritos por mulheres publicados na referida Revista entre os anos de 1985 (primeira edição, volume 1) e 2015 (volume 31, n. 3), totalizando no máximo 80 artigos. Elaboraremos ao final um fluxograma com uma periodização histórica, a exemplo da pesquisa de Silva e Santos (2022).

Palavras-chave: historiografia linguística; feminino; linguística brasileira

Referências

Altman, C. Lourenço, J. Outro ponto de vista: uma historiografia linguística feminina no Brasil (1960-1990). *Fórum Linguístico*. Florianópolis, vol. 20, n. 3, p. 9375-9389, jul-set. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/95056>. Acesso em 17 de fevereiro 2025.

Milner, J.C. *Introdução a uma ciência da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 2021.

Silva, S., & Santos, J. C. das M. Análise histórico-linguística das pesquisas brasileiras sobre a reescrita no contexto do ensino superior entre 1998 e 2018. *DISCURSIVIDADES*, 10(1), jan-jun. 2022. Disponível em: <https://revista.uepb.edu.br/REDIS/ article/view/995> Acesso em 10 dez 2024.

Swiggers, P. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. Confluência. *Revista do Instituto de Língua Portuguesa*. n. 44, 2013, p. 39-59. Disponível em: <https://revistaconfluencia.org.br/rc/article/view/602> Acesso em 10 dez 2024.

A PARTICIPAÇÃO FEMININA NA GRAMATIZAÇÃO DA LÍNGUA FRANCESA NO BRASIL: UM PANORAMA PRELIMINAR

Sofia Perrone Medina

Esta pesquisa, fundamentada nos conceitos de gramatização (Auroux, 1992; reedição 2014) e gramaticografia (Swiggers, 2015), aborda o percurso historiográfico da produção de gramáticas de língua francesa de autoria feminina no Brasil. Objetiva-se mapear a circulação desses textos linguísticos nas principais bibliotecas e instituições públicas do país, além de destacar a participação feminina na gramatização da língua francesa no Brasil, seja por meio da coautoria, de produções independentes ou da tradução e adaptação de obras importadas. O interesse por este tema decorre da influência da língua e da cultura francesas no Brasil, particularmente a partir do início do século XIX, quando o francês passou a ser um saber institucionalizado com a fundação da Academia Real Militar do Rio de Janeiro (Constantino, 2024). Essa consolidação fortaleceu sua presença no ensino, influenciando e sendo influenciado pelo contexto educacional, especialmente durante seu auge na Era Vargas, com a Reforma Capanema, em 1942. Lançar luz sobre essa contribuição se justifica tanto acadêmica quanto socialmente, pois dá visibilidade ao papel das mulheres na construção do conhecimento linguístico em língua francesa. Em especial, evidencia-se sua atuação em áreas historicamente dominadas por homens, como a filologia e a gramaticografia, promovendo uma análise mais inclusiva da produção de gramáticas de francês. A metodologia consiste na construção de um *corpus* de gramáticas de língua francesa disponíveis em acervos de bibliotecas universitárias públicas e de outras bibliotecas relevantes do país. Essas gramáticas foram categorizadas e analisadas com base em critérios como origem do autor, ano e local de publicação, editora, tipo de gramática e gênero do autor, entre outros. A análise inicial do *corpus* revelou que o século XX se destaca como um período-chave para a produção nacional e a circulação de gramáticas de francês, marcado pela inserção das mulheres como agentes de descrição da língua francesa, especialmente na forma de livros didáticos. No entanto, essa participação ocorreu de forma minoritária. A princípio, as mulheres contribuíram principalmente por meio de colaborações com autores homens. Já na segunda metade do século XX, observa-se produções independentes de autoria feminina. Espera-se, a partir da análise textual de obras selecionadas por sua relevância e alcance,

evidenciar posicionamentos teóricos e atitudes linguísticas das autoras na descrição da língua francesa no Brasil.

Palavras-chave: Gramaticografia; Gramatização; Participação Feminina; Língua Francesa.

Referências

AUROUX, S. **A revolução tecnológica da gramatização**. 3 ed. Tra. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

CONSTANTINO, Kate Oliveira. **De língua da corte a matéria de estudo: a institucionalização do ensino de francês no Brasil**. Aracaju: Criação Editora, 2024. 123 p. Prefácio de Roger Chartier.

SWIGGERS, Pierre. Grammaticographie. In: Polzin-Haumann, Claudia; Schweickard, Wolfgang. **Manuel de linguistique française**. Berlim: Gruyter, 2015. p. 525 - 555.

LIVROS DIDÁTICOS E VOZES MARGINALIZADAS: CÂNONE, RACIALIZAÇÃO E APAGAMENTO LINGUÍSTICO

Tâmara Kovacs Rocha

Esta apresentação propõe articular os resultados obtidos por Rocha (2024) à discussão acerca da racialização de línguas e suas intersecções com a produção de material escolar. Nesse trabalho, Rocha realiza uma análise crítica de materiais didáticos de Língua Portuguesa distribuídos pelo Plano Nacional do Livro e Material Didático 2020 (PNLD) (Oliveira; Araújo, 2018; Ormundo; Siniscalchi, 2018; Teixeira et al., 2018) para verificar de que modo foram apresentados o histórico do contato linguístico entre línguas africanas e o português e o surgimento de línguas e variedades derivadas desse contato, como variedades quilombolas de português, línguas secretas, línguas cultuais e cânticos de trabalho (Vogt; Fry, 1996; Jon-And; Lopez, 2017; Queiroz, 2018; Byrd, 2012; Castro, 2001; Freitas; Queiroz, 2015; Careno, 1997; Petter; Zanoni, 2005; Lucchesi; Baxter; Ribeiro, 2009). Os resultados comprovam uma severa sub-representação desses conhecimentos linguísticos e fatos históricos nos materiais do PNLD, associada a um forte normativismo e grafocentrismo, ainda que haja diferenças de grau entre as coleções. Para esta apresentação, pretendemos articular ainda alguns dados particulares dos materiais analisados, como a presença quantitativamente superior de autores brancos utilizados como textos disparadores nos livros didáticos do PNLD, ao mesmo passo em que a presença de autores negros é ínfima e a de indígenas, praticamente nula – o que se relaciona à manutenção de cânones e à construção de uma representação de um modelo da língua nos estudantes. Desse modo, defenderemos a hipótese de que a produção desse tipo de material, em certo grau gramaticográfico, tem perpetuado hierarquizações linguísticas e, direta ou indiretamente, pelo apagamento ou sub-representação de grupos e práticas racializados, também as hierarquias raciais, de modo a concretizar um epistemicídio que trabalha na manutenção de hierarquias de poder (Irvine; Gal, 2000; Carneiro, 2005).

Palavras-chave: Materiais didáticos; Ensino de língua portuguesa; Contato linguístico; Línguas afro-brasileiras; Variedades quilombolas de português.

Referências

- BYRD, Steven. The Afro-Brazilian Speech of Calunga: Historical, Sociolinguistic, and Linguistic Considerations, **The Journal of Pan-African Studies**, vol.5, n.5, [s.l.], 2012. p.101-123.
- CARENO, Mary Francisca do. **Vale do Ribeira** - a voz e a vez das comunidades negras. São Paulo: Arte e Ciência/UNIP, 1997.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do Outro como Não Ser como fundamento do Ser**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2005.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- FREITAS, Neide; QUEIROZ, Sônia. **Vissungos**: cantos afrodescendentes em Minas Gerais. 3ª ed. Belo Horizonte: UFMG, 2015.
- IRVINE, Judith T.; GAL, Susan. Language Ideology and Linguistic Differentiation. In: KROSKRITY, P. V. (ed.). **Regimes of language**: Ideologies, politics, and identities. Santa Fe: School of American Research Press, 2000. p. 35-84.
- JON-AND, Anna; LÓPEZ, Laura Álvarez. A Cupópia do Cafundó: uma análise morfosintática, **Revista Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, 2017. p.01-29.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Allan; RIBEIRO, Ilza. **O português afro-brasileiro**. Salvador: Edufba, 2009.
- OLIVEIRA, Tânia Amaral; ARAÚJO, Lucy Aparecida Melo. **Tecendo linguagens**. 4 volumes. 5ª ed. São Paulo: Ibep, 2018. Disponível em: <https://pnld2020.ftd.com.br/colecao/tecendo-linguagens/>. Acesso em: 20 abr. 2021.
- ORMUNDO, Wilton; SINISCALCHI, Cristiane. **Se liga na língua**. 4 volumes. São Paulo: Moderna, 22018. Disponível em: https://pnld.moderna.com.br/divulgacao/se-liga-na-lingua/dvd/se_liga_na_lingua_6/conteudo/seliganalingua6.pdf; https://pnld.moderna.com.br/divulgacao/se-liga-na-lingua/dvd/se_liga_na_lingua_7/conteudo/seliganalingua7.pdf; https://pnld.moderna.com.br/divulgacao/se-liga-na-lingua/dvd/se_liga_na_lingua_8_ano/conteudo/seliganalingua8.pdf; https://pnld.moderna.com.br/divulgacao/se-liga-na-lingua/dvd/se_liga_na_lingua_9_ano/conteudo/seliganalingua9.pdf. Acesso em: 20 abr. 2021.
- PETTER, Margarida Tadoni; ZANONI, Dafne. Quilombos do Vale do Ribeira: variação e mudança na concordância de gênero e número. **PAPIA - Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, v.15, 2005.

QUEIROZ, Sônia. **Pé preto no barro branco**: a língua dos negros da Tabatinga. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2018.

ROCHA, T. K. **Contato, variação linguística e línguas africanas em materiais didáticos de português**: uma análise crítica. 2024. Dissertação (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

TEIXEIRA, Lucia; SOUSA, Silvia Maria de; FARIA, Karla; PATTRESI, Nadja. **Apoema Português**: Ensino Fundamental II. 4 vol. 1ª ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2018.

VOGT, Carlos; FRY, Peter. **Cafundó** - a África no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

2. COMUNICAÇÃO ORAL

LA PRESENCIA DE LO FEMENINO EN LA TRADICIÓN GRAMATICAL HISPÁNICA EN ESTADOS UNIDOS (PRIMERA MITAD DEL SIGLO XIX) A TRAVÉS DE LA EJEMPLIFICACIÓN

Adela González Fernández

El objetivo de esta investigación es analizar la presencia femenina en un corpus de gramáticas de español como lengua extranjera publicadas en Estados Unidos durante la primera mitad del siglo XIX por autores españoles. En la línea de los trabajos de Zamorano Aguilar (2021) y Escudero Paniagua (2024), los objetivos específicos son, por un lado, cuantificar las referencias a las mujeres o a lo femenino en la ejemplificación de las obras y compararlas con las masculinas; y, por otro, determinar las relaciones entre gramática e ideología en el nivel extralingüístico (como ya hicimos en autora, 2022), lo que nos permitirá explicar los factores que influyeron en la producción de los gramáticos y en su decisión de incluir más o menos referencias a las mujeres —y de qué manera—. Para ello, se analizarán, por un lado, los ejemplos femeninos de forma individual, para ver el contenido semántico de los mismos y la diferencia —si la hay— con el de los masculinos; además, se estudiarán estos ejemplos en contraste con los del varón, cuando aparezcan en oposición; y, por último, por inferencia con respecto a lo tradicionalmente adscrito al varón (Zamorano Aguilar, 2021). Desde el punto de vista metodológico, partimos de la hipótesis de que el texto gramatical constituye un acto comunicativo-pragmático complejo, como lo hace Zamorano Aguilar (2012 y 2022), que constituye un mensaje enmarcado en un sistema de agentes y cambios que propician su transformación, difusión, consolidación y pervivencia. En última instancia, se pretende atender al tratamiento de la mujer en los textos gramaticales del español y poner el foco en la necesaria inclusión de la perspectiva de género en los estudios gramaticográficos e historiográficos, que está comenzando a despertar el interés de los investigadores e investigadoras de forma más sistemática, como se puede apreciar en Altman y Lourenço (2023), entre otros.

Palabras clave: mujerestudios de género; ejemplificación; gramaticografía; Estados Unidos; siglo XIX.

Referencias

ALTMAN, C. y LOURENÇO, J. (eds.). **Feminismo em historiografia lingüística: Américas, vol. I.** Sao Paulo: Pontes Editores, 2023.

AUTORA. Marcas ideológicas y ejemplos en la Gramática de la lengua castellana según ahora se habla, 8.^a ed. (1847), de Vicente Salvá. **Verba: anuario Galego de Filoloxía**, v. 49, p. 1-25, 2022. doi: <https://doi.org/10.15304/verba.49.6990><https://doi.org/10.15304/verba.49.6990>

ESCUADERO PANIAGUA, F. La presencia de la mujer en la historia de la gramática española. **ELiEs: Estudios de lingüística del español**, v. 49, pp. 1-21, 2024. doi: 0.36950/elies.2024.48.15

ZAMORANO AGUILAR, A. Teorías del caos e historiografía de la lingüística. Una interpretación. **Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft**, v. 22, pp. 243-298, 2012.

ZAMORANO AGUILAR, A. **La gramatización del español en el Perú del siglo XIX. Contribución a la historia de las ideas lingüísticas en América Latina.** Berlín: Peter Lang, 2022.

ZAMORANO AGUILAR, A. Mujer, lengua y educación en la América del Sur hispánica (siglos XIX y principios del XX): cuatro calas. En: Altman, C. y Lourenço, J. (eds.). **Feminismo em historiografia lingüística: Américas, vol. I.** Sao Paulo: Pontes Editores, 2023, pp. 27-98.

ENTRE LÍNGUA, RAÇA E HISTÓRIA: A MISTIÇAGEM COMO IDEIA LINGUÍSTICA NOS ESTUDOS SOBRE O PORTUGUÊS DO BRASIL NO SÉCULO XIX

Alice Toledo Lima da Silveira

Pelo diálogo teórico-metodológico entre a História das Ideias Linguísticas (Auroux, 2007; 2008) e os Estudos Discursivos com contribuição foucaultiana (2009a; 2009b), o intuito deste trabalho é o de descrever e analisar enunciados sobre o português falado/escrito no Brasil durante o século XIX, destacando a mestiçagem como uma ideia linguística em suas produções (Toledo, 2020; 2024). Em momentos anteriores na história dos estudos linguísticos, especialmente no século XIX, a análise da relação entre língua e raça era contemplada a partir de outros paradigmas que hoje não são mais válidos como parâmetros nas ciências sociais e linguística, mas que estavam em franca expansão na Europa de então: o naturalismo, o positivismo e o evolucionismo, que têm como uma das premissas em comum a superioridade de certas raças humanas sobre outras a partir da comparação de características biológicas e fisiológicas. No Brasil, foi a intelectualidade oitocentista que apresentou e implantou uma norma padrão do português, seguindo um projeto político de nação sob as diretrizes da elite brasileira (PAGOTTO, 1998) – a mesma que se apropriou das teorias naturalistas, darwinistas e positivistas, ancoradas em um projeto político, a fim de refletir sobre as formas de organização econômica, social e política do Brasil (ALONSO, 2002). Considerando estas condições de produção, serão contempladas as relações saber-poder na constituição de enunciados sobre o português brasileiro efetivamente ditos e escritos em instrumentos tecnológicos da linguagem (dicionários, gramáticas, manuais) e em produções literárias, a fim de reconhecer as séries enunciativas que são parte constituinte da produção de um saber linguístico no país. Os enunciados selecionados para análise se enquadram em um recorte temporal que recobre o século XIX, que reconhece a impossibilidade de seu esgotamento, mas enfatiza a multiplicidade de sentidos em um longo período histórico. Neste ensejo, espera-se reconhecer se os enunciados que dizem sobre o português falado/escrito no Brasil, no liame entre aspectos linguísticos, raciais e históricos, promovem a estigmatização ou o prestígio da língua e dos seus falantes de acordo com certas contingências discursivas, em especial as concepções de língua, de raça e de história.

Palavras-chave: mestiçagem; paradigma naturalista; português brasileiro; análise do discurso; história das ideias linguísticas.

Referências

ALONSO, Angela. **Ideias em movimento:** a geração. 1870 na crise do Brasil Império. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização.** Campinas, Unicamp, 2008.

AUROUX, Sylvain. Introduction: le paradigme Naturaliste. In: **Histoire Épistémologie Langage**, tome 29, fascicule 2, 2007. Le naturalisme linguistique et ses désordres, sous la direction de Sylvain Auroux. p. 5-15.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Edições Loyola, 2008b.

PAGOTTO, Emílio. Norma e Condescendência; Ciência e Pureza. In: **Língua e Instrumentos Linguísticos.** Campinas, Pontes Editores/HIL, 49-68, 1998.

TOLEDO, Allice. A língua e a raça: a mestiçagem como uma ideia linguística das letras brasileiras do século XIX. **Revista da Abralin**, v. 19, n. 1, p. 1-25, 2020.

TOLEDO, Allice. A mestiçagem como uma ideia linguística: o paradigma naturalista e o conceito de brasileiro no Dicionário Grammatical de João Ribeiro. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 66, n. 00, p. e024002, 2024. DOI: 10.20396/cel.v66i00.8671767.

A PALAVRA E O VERBO SOB O OLHAR DE MULHERES E HOMENS NA GRAMATICOGRAFIA BRASILEIRA ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX

Bruna Polachini

É possível afirmar que os papéis de gênero são determinantes na forma como as gramáticas são escritas na virada do século XIX para o XX no Brasil? A historiografia recente tem discutido o papel do gênero na escrita e na percepção que se tinha de historiadores e historiadoras do século XIX (Epple, 2006; Varella, 2023). Isso porque, devido ao “reconhecimento da existência de atribuições, ideias, representações e prescrições sociais construídas a partir da diferença sexual” (Varella, 2023, p.342), haveria um condicionamento tanto sobre a maneira como essas historiadoras escreviam as primeiras histórias de autoria feminina tal como sobre a forma como seus textos eram percebidos. Partindo desse pressuposto, neste trabalho, analiso as duas primeiras gramáticas de autoria feminina do Brasil – a saber: *Grammatica portugueza prática*, por Adelia Ennes Bandeira – publicada inicialmente em 1897 e reeditada 23 vezes até 1937; e *Grammatica Portugueza*, por Zillah do Paço Mattoso Maia – publicada inicialmente em 1899 e reeditada duas vezes, em 1908 e 1914. Com objetivo de comparar as edições dessas obras que nos foi possível acessar (Bandeira, 1911; Maia, 1908; 1914) com outras de autoria masculina na época (Júlio Ribeiro, 1881, 1885, 1900; Pacheco & Lameira, 1894; Maciel, 1895, 1902; Gomes 1895, 1915; Santos, 1897, 1913; Carvalho, 1899; Boscoli, 1900; Hilário Ribeiro, 1911; João Ribeiro 1913), selecionamos como foco da análise a exposição acerca das classes de palavras, com especial atenção ao tratamento do verbo. A seleção do corpus de gramáticas de autoria masculina teve como critério seu impacto no período e/ou proximidade temporal e espacial das gramáticas das autoras supramencionadas, isto é, obras publicadas no Rio de Janeiro entre 1894 e 1914 (exceto pela obra pioneira de Ribeiro, 1881, 1885). Procuramos, assim, por um lado, inserir essas duas obras de autoria femininas – frequentemente esquecidas – nas análises sobre a gramaticografia brasileira na virada do século XIX para o XX e, por outro, compreender, neste estudo de caso, as relações de continuidade e descontinuidade e de similaridade e diferença que as obras de autoria feminina tinham em relação às demais obras, escritas por homens, no que diz respeito ao estudo da palavra, sobretudo o verbo, cujas definições, sabe-se, eram múltiplas no período (Cavaliere, 2000; Polachini, 2018, 2023).

Palavras-chave: Gramaticografia brasileira; Século XIX; Autoria feminina; Classes de palavras; Verbo.

Referências

- BANDEIRA, A. E. *Grammatica portugueza pratica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1911.
- BOSCOLI, J. V. *Grammatica da Puericia*. 2. ed. correcta e augmentada. Rio de Janeiro: Typographia de Pereira Braga & C., 1900.
- CARVALHO, Felisberto de. *Exercicios da lingua portugueza correspondentes á grammatica elementar*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria de Francisco Alves, 1899.
- CAVALIERE, R. *Fonologia e morfologia na gramática científica brasileira*. Niterói: Editora da UFF, 2000.
- EPPLE, A. "Questioning the Canon: Popular Historiography by Women in Britain and Germany (1750-1850)". In: PALETSCHEK, Sylvia (ed.). *Popular Historiographies in the 19th and 20th Centuries: Cultural Meanings, Social Practices*. Oxford. New York: Berghahn Books, 2011.
- GOMES, A. *Grammatica Portugueza*. 6. ed.. Rio de Janeiro: J. G. de Azevedo, 1895.
- MACIEL, M. A. *Grammatica Analytica da Lingua Portugueza*. Rio de janeiro, RJ : Typ. Central de Evaristo Rodrigues da Costa, 1887.
- MACIEL, M. A. *Grammatica Descriptiva baseada nas doutrinas modernas*. 2. ed. Capital Federal: Typ. do Pazo & C., 1895.
- MAIA, Z. P. M. *Grammatica da lingua portugueza*. 2a ed. correcta e augmentada. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1908.
- MAIA, Z. P. M. *Grammatica da lingua portugueza*. 3a ed. correcta e augmentada. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1914.
- PACHECO DA SILVA Jr.; M.; LAMEIRA (Pacheco da Silva Jr & Lameira de Andrade). *Grammatica da Lingua Portugueza*. Rio de janeiro: J. G. de Azevedo, 1894.
- POLACHINI, B. S. *Uma história serial e conceitual da gramática brasileira oitocentista de língua portuguesa*. 2017. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2018.
- POLACHINI, B. "Uma classe de palavra mutável: sobre o verbo na gramaticografia brasileira oitocentista." In: ANJOS, M. (Org.) *Instrumentos Linguísticos (Gramáticas) em uma perspectiva historiográfica*. Campinas (SP): Pontes Editores, 2024.

RIBEIRO, H. *Grammatica Elementar*. Edição revista, emendada e anotada por João Ribeiro. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1911.

RIBEIRO, J. *Grammatica Portugueza*. 67. ed. corrigida e muito melhorada. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1913.

RIBEIRO, J. *Grammatica Portugueza*. São Paulo: Jorge Seckler, 1881.

RIBEIRO, J. *Grammatica Portugueza*. 2. ed. ref. e muito aum. São Paulo: Teixeira & Irmão, 1885.

RIBEIRO, J. *Grammatica Portugueza*. 6. ed. revista pelo prof. R. Lagoa. São Paulo: Typographia da C. Industrial de S. Paulo, 1900.

SANTOS, H. J. *Grammatica portugueza*. Rio de Janeiro: Livraria Classica de Alves & C., 1897.

SANTOS, H. J. *Grammatica portugueza*. 3. ed. augmentada. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1913

VARELLA, F. "Por uma história da historiografia renovada pela perspectiva de gênero" In: MALERBA, J. *A história escrita: teoria e história da historiografia*. 3. ed. Teresina: Cancioneiro, 2023. p. 341-351.

RUPTURAS NO CÂNONE DE MÉTODOS DE ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS NO BRASIL (XIX - XXI)

Cássia Cristina Marques Venezuela

O objetivo desta comunicação é descrever e analisar de que maneira o método de gramática e tradução e o método direto impactaram o ensino de línguas estrangeiras no Brasil, principalmente o inglês, examinando também como esses métodos moldaram o ensino de línguas estrangeiras ao longo dos séculos XIX e XX e como suas consequências ainda são parte da sala de aula de língua estrangeira do século XXI. Na contemporaneidade, observa-se que o método direto ainda é utilizado em muitas faculdades de licenciatura em inglês no Brasil, especialmente no ensino das disciplinas de metodologia e prática de ensino. No entanto, esse método atualmente se encontra à margem das produções acadêmicas em ensino de línguas estrangeiras, sendo pouco explorado em debates teóricos que priorizam abordagens comunicativas. O ensino de línguas estrangeiras no Brasil enfrentou períodos de desvalorização, desde o início do século XIX, quando o ensino do inglês era considerado exclusivamente utilitário, o foco do ensino estava em atender necessidades comerciais, como descrito por Martim Francisco em sua proposta para a reforma dos estudos em 1816 (Oliveira, 2022). Uma transformação começou a surgir na década de 1930, com a Reforma Francisco de Campos, que introduziu o método direto como abordagem oficial, priorizando o uso da própria língua-alvo no ensino. Essa metodologia foi reafirmada durante a Reforma Capanema em 1942. Segundo Fogaça e Gimenez (2007), o método direto se opunha ao método de gramática e tradução e destacava a importância de ensinar a língua estrangeira utilizando a própria língua; a sequência de ouvir, falar, ler e escrever; o uso de imagens e objetos para explicar palavras desconhecidas, evitando a tradução; a compreensão das regras gramaticais pelo uso prático, ao invés da explicação dessas regras; leitura de autores recomendados, além de manuais, revistas, almanaques e outros materiais impressos que permitissem ao aluno conhecer o idioma como ele é usado no país de origem. No entanto, a falta de professores fluentes em língua inglesa que pudessem aplicar o método levou à sua adaptação no contexto brasileiro. Em vez de ser praticado de forma integrada às habilidades de compreensão e produção oral, o método direto foi reduzido a uma prática de leitura em voz alta de textos em inglês. Este estudo está ancorado nos pressupostos teórico-metodológicos da

Historiografia da Linguística (HL), disciplina que se propõe a descrever, analisar, interpretar e narrar, a partir da seleção de fontes, as ideias linguísticas que constituem evidências históricas da linguística. A análise proposta privilegia a identificação de programas de investigação, conforme Swiggers (2019), que captam a história da linguística em sua dimensão interna por meio da observação de abordagens sobre língua e linguagem. Esses programas revelam, de maneira descritiva e analítica, como diferentes métodos foram aplicados ao longo do tempo, influenciando tanto as práticas pedagógicas quanto as políticas linguísticas no Brasil.

Palavras-chave: Ensino de línguas estrangeiras no Brasil; método de gramática e tradução; método direto; programas de investigação; historiografia da linguística.

GRAMMATICA ELEMENTAR DA LINGUA PORTUGUEZA (1877), DO INTELLECTUAL NEGRO HEMETÉRIO JOSÉ DOS SANTOS: UMA VISÃO GERAL

Cíntia Cardoso de Siqueira

Este estudo tem o objetivo de apresentar uma visão geral da Grammatica Elementar da Língua Portuguesa (1877), obra gramatical inaugural do intelectual negro brasileiro Hemetério José dos Santos (1853?-1939), haja vista o o pouco conhecimento que se tem acerca dessa gramática – até há pouco tempo, não havia notícias de um exemplar disponível – e a relevância de seu autor no cenário do estudo e do ensino da língua portuguesa no Brasil do século XIX (Cavaliere, 2022). Filho de uma mulher negra escravizada, o maranhense Hemetério José dos Santos foi batizado como pessoa livre e teve a oportunidade de estudar em colégios particulares de São Luís, tornando-se professor. Aos dezessete anos, migrou para o Rio de Janeiro, onde exerceu o magistério em prestigiadas instituições de ensino do Império e da Primeira República, como o Colégio Imperial de Pedro II e o Colégio Militar do Rio de Janeiro. Por se posicionar acerca de questões como a abolição da escravatura e o racismo, acredita-se que Hemetério teve sua obra “esmaecida” no cenário da gramaticografia brasileira. A fim de empreender nossa investigação, fundamentamo-nos nos pressupostos teórico-metodológicos da Historiografia Linguística, analisando, conjuntamente, as camadas teórica, técnica, documental e contextual (Swiggers, 2004) de nosso objeto de estudo, a partir dos seguintes parâmetros internos de análise: (i) dados paratextuais (que aparecem nos prólogos, prefácios e introduções), (ii) o conceito de gramática, (iii) a sinopse gramatical e (iv) as categorias gramaticais. Ao analisar tais parâmetros, consideramos o “clima de opinião” (Koerner, 2014) da época de produção da obra, e investigamos, pelo “horizonte de retrospecto” (Auroux, 2009 [1992]) do autor, sua filiação teórica, procurando mostrar como esses aspectos são refletidos na organização da gramática, nos conceitos apresentados e no tratamento dado às partes do discurso.

Palavras-chave: Hemetério José dos Santos; gramática brasileira; intelectual negro; Historiografia Linguística; História das Ideias Linguísticas.

Referências

AUROUX, Sylvain. A revolução tecnológica da gramatização (2. ed.).
Campinas: Editora da
Unicamp, 2009 [1992].

CAVALIERE, Ricardo. História da Gramática no Brasil: séculos XVI a XIX.
Petrópolis, RJ:
Vozes, 2022.

KOERNER, Ernst F. Konrad. Quatro décadas de historiografia linguística:
estudos
selecionados (Sel. e Ed. Rolf Kemmler e Cristina Altman) (Col. Linguística,
11). Vila Real:
Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro,
2014.

SANTOS, Hemetério José dos. Grammatica Elementar da Lingua Portugueza.
Rio de
Janeiro: Serafim José Alves – Editor, 1877.

SWIGGERS, Pierre. Modelos, Métodos y Problemas en la Historiografía de la
Lingüística.
In: Zumbado, G. C. et al. (eds.), Nuevas Aportaciones a la Historiografía
Lingüística, Actas
del I Congreso Internacional de la SEHL, 113-146. Madrid: Arco Libros, 2004.

O 'PRETUGUÊS' COMO RESSIGNIFICAÇÃO DO VALOR SOCIAL DAS DIFERENTES FORMAS DE FALAR PORTUGUÊS

Eduardo Ferreira dos Santos; Ana Paulla Braga Mattos

Nesta comunicação, apresentamos um levantamento historiográfico do termo 'pretuguês'/'pretoquês', bem como seu uso contemporâneo, tanto no discurso da esfera acadêmica como no discurso da esfera cotidiana. O termo 'pretuguês'/'pretoquês' é atestado desde o período colonial, e seu conceito associava-se, de forma pejorativa, a um "modo preto de falar" ou a "maneiras pretas de falar" (Raimundo, 1933; Duffy, 1961), e também à "língua de preto", a qual era falada pelos escravizados africanos em Portugal a partir do século XVI (Kihm; Rougé, 2013). O uso pejorativo e estigmatizado do termo é atestado até o século XX (Raimundo, 1933; Duffy, 1961; Hamilton, 1991; Chambers, 1994, Mingas, 2018). No entanto, ainda no século XX, em um cenário de pré-independência dos países colonizados por Portugal, o conceito de 'pretuguês' passa por um processo de ressignificação, como apontado por Macedo (1992), ao discutir a "elaboração artística" do conceito pelo escritor angolano Luandino Vieira como uma marca de "angolanidade" em seu livro de contos *Luuanda*, de 1963. Nos dias atuais, o conceito de 'pretuguês' mostra-se bastante presente e produtivo nas esferas acadêmica e cotidiana por meio de músicas, podcasts, blogs etc. em regiões que, no seu percurso histórico, sofreram o processo de colonização por Portugal, como Angola, Brasil e Cabo Verde. Nesse contexto, conforme apontaremos, o 'pretuguês' apresenta-se como um processo discursivo ideológico, utilizado estrategicamente em contextos para promover, por exemplo, avanços educacionais, antirracistas e sociais. Além disso, o conceito contemporâneo de 'pretuguês' representa uma busca identitária de autonomia linguística que valoriza as diferentes maneiras de se falar português (GONZALEZ, 1983; EPALANGA, 2023; CERQUEIRA, 2024).

Palavras-chave: pretuguês; ressignificação; identidade.

Referências bibliográficas

CERQUEIRA, Fernanda. Pretuguês. In: Landulfo, Cristiane; Matos, Doris. (orgs.). **Suleando conceitos: decolonialidades e epistemologias outras**, volume 2. Campinas, SP: Pontes Editores, 2024, p.219-227.

CHAMBERS, Iain. **Migrancy, Culture, Identity**. New York: Routledge, 1994.

- DUFFY, James. Portugal in Africa. Council on Foreign Affairs, 1961, 2002-15. April 1. Accessed January 3, 2014.
- EPALANGA, Kalaf. **Minha pátria é a língua pretuguesa**. São Paulo: Todavia, 2023.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, [São Paulo], p.223-244, 1983.
- HAMILTON, Russel G. Lusofonia, Africa, and Matters of Languages and Letters. **Hispania**, v.74(3), p.610-617, 1991.
- KIHM, Alain; ROUGÉ, Jean-Louis. Língua de Preto, the Basic Variety at the root of West African Portuguese Creoles: A contribution to the theory of pidgin/creole formation as second language acquisition. **Journal of Pidgin and Creole Languages**, v.28(2), p.203-298, 2013.
- MACEDO, Tânia. O 'pretuguês' e a literatura de José Luandino Vieira. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 36, p.171-176, 2001.
- MINGAS, Amélia. O Pretuguês, o Português em/de Angola. “É o problema que estamos com ele”. **XXVIII Encontro das Associações das Universidades de Língua Portuguesa (AULP)**, Lubango/Angola, 2018.
- RAIMUNDO, Jacques. **O Elemento Afro-Negro na Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Renascença Editora, 1933.

UNA SUPUESTA AUTORÍA FEMENINA EN UNA GRAMÁTICA ESCOLAR PARA NIÑAS: RUDIMENTOS DE GRAMÁTICA TEÓRICO-PRÁCTICA POR UNA PROFESORA DE LA COMPAÑÍA DE SANTA TERESA DE JESÚS (BARCELONA, 1894)

Emma Gallardo Richards

En el siglo XIX, la enseñanza y el sistema educativo estuvo marcado por una distinción de género en España, en la que las niñas recibían una educación básica centrada principalmente en habilidades y contenidos considerados “apropiados” para las mujeres.

Esta diferenciación quedó reflejada en la ley Moyano de 1857, la gran ley educativa española del siglo XIX, en la que, por ejemplo, mientras que los niños en la primera enseñanza superior ampliaban sus conocimientos sobre “Principios de Geometría, de Dibujo lineal y de Agrimensura, Rudimentos de Historia y Geografía, especialmente de España y unas Nociones generales de Física y de Historia natural acomodadas a las necesidades más comunes de la vida” (artículo 4), las niñas veían sustituidas estas materias por “Labores propias del sexo, Elementos de Dibujo aplicado a las mismas labores y unas Ligeras nociones de Higiene doméstica” (artículo 5). Sin embargo, tanto las niñas como los niños recibían, como parte de la primera enseñanza elemental, nociones de doctrina cristiana y de historia sagrada, principios de lectura y de escritura y principios de gramática y ortografía castellana. En el caso de las niñas, se les enseñaba una gramática básica para que pudieran leer y escribir cartas, bajo un enfoque moral y social.

Según Calero Vaquera (2020: 137), el número de libros de texto dirigidos a niñas aumentó en el siglo XIX. Aunque la mayoría de estos textos fueron escritos por autores masculinos, hacia finales de siglo comenzaron a publicarse obras escolares de autoría femenina, llegando a publicarse 20 obras gramaticales firmadas por mujeres (Ballarín *et al.* 2000: 356). Sin embargo, hasta el momento no se había considerado –si bien aparece recogido en la BICRES V– un libro concreto de gramática para niñas, los *Rudimentos de gramática teórico-práctica*, publicado en Barcelona en 1894, cuya cubierta y portada aparece firmada por “Una profesora de la Compañía de Sta. Teresa de Jesús”. La obra estaba dirigida a la escuela barcelonesa de la mencionada compañía religiosa.

Los objetivos de la presente comunicación son, en primer lugar, identificar a quién corresponde la autoría de la obra. En este sentido, se ha partido de la hipótesis de que, a pesar de la información que aparece en la portada, la autoría podría haber sido masculina, con la figura femenina adoptada con fines pedagógicos para la enseñanza de las niñas en un establecimiento religioso. En segundo lugar, se examinan las partes de la obra y los contenidos gramaticales que esta encierra (analogía, sintaxis, prosodia, ortografía) en relación con la tradición gramatical precedente. En tercer lugar, se analizan las muestras de ideología religiosa en la obra a través de los ejemplos lingüísticos proporcionados y las actividades gramaticales propuestas para las niñas. En definitiva, este estudio pretende arrojar luz a la historia de la gramática escolar española, profundizando en un caso particular: una autoría supuestamente femenina para que se pudiera enseñar la gramática en una escuela religiosa de Barcelona.

Palabras clave: gramática escolar; gramática para niñas; España; siglo XIX; historiografía lingüística

Referencias bibliográficas

BALLARÍN DOMINGO, P. La educación de la mujer española en el siglo XIX. *Historia de la Educación*, v. 8, 245-260, 1989.

BALLARÍN, P., CABALLERO, A., FLECHA, C., VICO, M. Maestras y libros escolares. IN: TIANA FERRER, A. *El libro escolar, reflejo de intenciones políticas e influencias pedagógicas*. Madrid: UNED, 341-375, 2000.

CALERO VAQUERA, M.L. The contribution of women to the Spanish linguistic tradition. Four centuries of surviving words. IN: AYRES-BENNETT, W. & SANSON, H. *Women in the history of linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 121-144, 2020.

FLECHA GARCÍA, C. *Las mujeres en la legislación educativa española. Enseñanza Primaria y Normal en los siglos XVIII y XIX*. Sevilla: Universidad de Sevilla, 1997.

SARASÚA, C. *Aprendiendo a ser mujeres: las escuelas de niñas en la España del siglo XIX*. *Cuadernos de Historia Contemporánea*, v. 24, 281-297, 2002.

EN LOS MÁRGENES DE LA GRAMÁTICA: EL DISCURSO PROLOGAL EN LOS TRATADOS HISPÁNICOS DE ANÁLISIS

Esteban T. Montoro del Arco

El prólogo, paratexto habitual en la estructura de los tratados de gramática (GENETTE, 1997), guarda inevitablemente una estrecha relación con las circunstancias ideológicas, culturales, políticas y económicas en las que se gesta la obra a la que precede. El interés de los estudiosos de la tradición hispánica ha girado hasta la fecha en torno a textos gramaticales hispánicos que pueden considerarse canónicos, esto es, tratados de gramática. Así, conocemos la estructura y función de los prólogos de obras gramaticales canónicas, como las de la Real Academia Española (GÓMEZ ASENCIO, 2011), así como de gramáticas no académicas representativas del siglo XIX (GARCÍA FOLGADO y VELANDO CASANOVA 2001; ZAMORANO AGUILAR, 2002, 2004). En los últimos tiempos se aprecia asimismo un incipiente interés por el análisis de estos paratextos en la tradición americana (VILA RUBIO, 2021). En este trabajo perseguimos comparar las características de los prólogos del canon con los de obras no canónicas consideradas incluso “menores”, dada su función escolar: los tratados de análisis lógico y/o gramatical (MONTORO DEL ARCO, 2010). Para ello, se analizarán textos procedentes de un corpus formado por alrededor de cincuenta tratados de este tipo publicados tanto en España como en diversos países americanos (Chile, Cuba o Argentina, entre otros).

Palabras clave: prólogo; análisis gramatical; análisis lógico; historiografía lingüística

GARCÍA FOLGADO, M. J. y VELANDO CASANOVA, M. Tres siglos de prólogos en la gramática española (1492-1771). In MAQUIEIRA RODRÍGUEZ, M., MARTÍNEZ GAVILÁN, M. D., VILLAYANDRE LLAMAZARES, M. (Eds.), *Actas del II Congreso Internacional de la Sociedad Española de Historiografía Lingüística: León, 2-5 de marzo de 1999*. Madrid: Arco Libros, 2001. p. 965-973.

GENETTE, G. *Paratexts: Threshold of Interpretations*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

GÓMEZ ASENCIO, J. J. *Los principios de las gramáticas académicas (1771-1962)*. Bern: Peter Lang, 2011.

MONTORO DEL ARCO, E. T. Bases para el estudio variacionista de los corpus historiográficos: el caso del análisis lógico y gramatical. *Revista argentina de historiografía lingüística (RAHL)*, Buenos Aires, v.II. n.2, p.107-124, 2010.

VILA RUBIO, N. Forma y función de los prólogos en gramáticas hispanoamericanas del siglo XIX. *Boletín de Filología*, Santiago de Chile, v.56, n.2, p.49-103, 2021.

ZAMORANO AGUILAR, A. Teoría y estructura de los prólogos en los tratados gramaticales españoles (1847-1999). In ESPARZA TORRES, M. Á., FERNÁNDEZ SALGADO, Á. B. & NIEDEREHE, H-J. (Eds.), *SEHL 2001. Estudios de Historiografía Lingüística*. Hamburg: Helmut Buske, v.I, 2002, p.489-502.

ZAMORANO AGUILAR, A. El prólogo en la historia de la gramática española de la segunda mitad del siglo XIX. Tipologías y argumentos conceptuales y formales. In HASSLER, G. y VOLKMAN, G. (Eds.), *History of Linguistics in Texts and Concepts*, v. I, Munster: Nodus, 2004, p.251-266.

A LINGUÍSTICA FORMAL NÃO TEM APENAS 60 ANOS: ECOS DE ASHTADHYAYI DE PANINI (500 A.C) EM *THE SOUND PATTERN OF ENGLISH* DE CHOMSKY E HALLE (1968 D.C)

Felipe da Silva Vital

Este trabalho aborda a influência do gramático indiano Panini na formação da linguística formal ocidental (i.e fonologia gerativa) em dois eixos, um específico e um geral: **sobre o primeiro eixo**, o trabalho foca no tratamento do acento na fonologia gerativa clássica (cujo ápice se dá em *The Sound Pattern of English* (Chomsky & Halle, 1968)). Assim, procura-se mostrar que questões centrais à construção teórica da fonologia gerativa clássica no século XX já foram pensadas milhares de anos antes no contexto da linguística não-ocidental no tratado sobre o sânscrito védico chamado *Ashtadhyāyi* (ashta = oito; dhyāyi = capítulos). A fim de cumprir este objetivo, parte-se de duas regras de acento postuladas no trabalho de 1968 - CSR (*compound stress rule*) e NSR (*nuclear stress rule*) - na reflexão sobre a relação entre a gramática de Panini e a versão clássica da gramática fonológica gerativa, com base em um conceito cunhado como *Elsewhere Condition*; **sobre o segundo eixo**, geral, o trabalho centra nas condições metateóricas (como, por exemplo, a *Condição de Ordenamento*, a *Condição de Derivacionalidade* e a *Condição de Economia Explicativa* cf. Goldsmith & Laks (2012)) relacionadas à elaboração das duas gramáticas, relacionando a complexidade da arquitetura gramatical de ambos os contextos. Ainda no domínio deste segundo eixo, ao refletir sobre como a cisão epistemológica clássica ocidental conhecimento religioso vs conhecimento filosófico/científico é sublimada de maneira concisa (elegante) na gramática escrita pelo linguista da Índia Antiga (século XI a.C), busca-se concluir que a linguística (fonologia) formal data de, pelo menos, 600 a.C, tendo origem não-ocidental. Portanto, *The Sound Pattern of English*, de 1968 (século XX d.C) é uma versão moderna de um empreendimento cujo fundamento vem de antes da era “d.C”. Em termos de fundamentação teórica, este trabalho parte de Lakatos (1978), na interface filosofia da ciência/história da ciência. Para o autor (1978, p. 102),

(a) philosophy of science provides normative methodologies in terms of which the historian reconstructs 'internal history' and thereby provides a rational explanation of the growth of objective

knowledge; (b) two competing methodologies can be evaluated with the help of (normatively interpreted) history; (c) any rational reconstruction of history needs to be supplemented by an empirical (socio-psychological) 'external history'.

Com base em Kak & Bhate (1993) e Ghosh & Kiparsky (<https://www.americanscientist.org/article/the-grammar-of-the-elements>), Panini foi “descoberto” por linguistas ocidentais (e não-linguistas como Dmitri Mendeleev) no século XIX, de modo que a linguística à época de Noam Chomsky e Morris Halle já tinha noção da influência do gramático indiano. Busca-se, portanto, abranger a **história interna** ao desenvolvimento do tratamento teórico do acento na fonologia gerativa do século XX cotejando com a **história externa**, a influência que as condições metateóricas já pensadas por Panini tiveram sobre a concepção metateórica da arquitetura gramatical da fonologia gerativa clássica, investigando propriamente a realidade das proposições teóricas, objetivo primeiro da historiografia da ciência (e da filosofia da ciência).

Palavras-chave: *Ashtadhyayi; The sound pattern of english; gramática formal*

Referências

BHATE, S.; KAK, S. Panini's Grammar and Computer Science. *Annals of the Bhandarkar Oriental Research Institute*, vol. 72, pp. 79-94, 1993.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The Sound Pattern of English*. New York: Harper and Row, 1968.

GOLDSMITH, J.; LAKS, B. Generative phonology: its origins, its principles, and its successors. In.: *The Cambridge History of Linguistics*, edited by Linda Waugh, John E. Joseph, and Monique MonvilleBurston, 2012

LAKATOS, I. *The Methodology of Scientific Research Programmes*. New York: Cambridge University Press, 1978

<https://www.americanscientist.org/article/the-grammar-of-the-elements>

MULHERES DE LETRAS: ENTRE LACUNAS E FRAGMENTOS NO MOSAICO HISTORIOGRÁFICO DO ADVENTO DA GRAMÁTICA OCIDENTAL

Gissele Chapanski

Grammatiké. Este é o adjetivo que identifica Hermíone, uma jovem que viveu em Faium, por volta do século I d. C. Nome e epíteto surgem justapostos a seu retrato, na superfície do sarcófago que guarda seus despojos mumificados, hoje na coleção arqueológica do Girton College. Esse epitáfio é o único registro iconográfico da Antiguidade a representar uma mulher sob o título de “gramática”. Ante a polissemia do termo, Hermíone poderia ser uma erudita (ou “letrada”, conforme a tradução literal do grego), ou uma profissional especializada nas artes da linguagem. Contudo, tal designação é elemento identitário fundamental: tanto quanto sua face ou nome, descreve-a para a eternidade. Assim como ela, é provável que inúmeras mulheres durante a Antiguidade tenham dedicado a vida ao estudo das letras, nas funções de educadoras, retoras, filósofas ou teóricas (Pomeroy, 1984; Criatore, 2001). Porém, ainda que inscritas em seus círculos intelectuais a ponto de serem referenciadas por autores canônicos, como Cornélia nas obras de Quintiliano e Cícero, tais estudiosas ainda seguem ao largo das narrativas historiográficas majoritárias. Mesmo as que, como Agallis, Hestiaea e Demo, foram formalmente reconhecidas por seus pares como *gramáticas* emergem em textos esparsos e extremamente fragmentários na tradição. Apesar de não ser incomum dentre autores antigos, esse cenário pode ter sido agravado ante condições de produção e transmissão específicas dos contextos de erudição femininos (Díaz-Cabal, 2024, Luthala, 2021) remontantes já à própria antiguidade. Nada restou, por exemplo, do tratado didático da filósofa Myro, além de sua menção nos *Sudae* (v. Myro, Adler: mu 1465). Contudo, em condições igualmente desfavoráveis, autores como Diógenes da Babilônia não encontraram problemas para integrar o panorama historiográfico da linguística: uma única menção a seu tratado desaparecido sobre os sons da voz (Diógenes Laércio, *Vitae*, VII. 55) bastou para fazê-lo precursor *avant la lettre* dos estudos fonéticos. Um desbalanço frequente, que cabe à historiografia compreender. Mais do que uma revisão justa em prol da pauta igualitária, retirar da obscuridade o legado feminino na história intelectual da metalinguagem é uma chance de flagrar elos de interação entre as esferas doméstica e institucional, visto que tradicionalmente o equilíbrio das

dinâmicas epistemológicas nessa interface coube sobretudo às mulheres. Tal movimento investigativo interessa particularmente aos momentos-marco, estabelecidos na historiografia tradicional. Assim, o presente trabalho, a partir da discussão dos possíveis sentidos da palavra *grammatiké* aplicada como adjetivo a cinco mulheres, Hermíone, Volusia (Agusta- Boularot e Bousbaa, 1994) Agallis, Hestiaea e Demo, procura fornecer bases para a percepção do papel feminino no circuito intelectual geralmente reconhecido como originário dos estudos gramaticais no Ocidente (o ambiente helenístico, ao norte da África). Para tanto, serão primeiramente compilados os fragmentos textuais antigos que remetem a essas estudiosas. Sua subsequente análise buscará avaliar, em sobreposição, os contextos em que tais *grammatikai* produziram e os em que foram citadas. Consolidadas essas fases heurístico-hermêuticas (Swiggers, 2013), serão evidenciadas relações que, no *continuum*, possam revelar aspectos significativos do papel dessas *grammatikai* no painel historiográfico do período.

Palavras-chave: Mulheres na Historiografia da Linguística; Mulheres gramáticas na Antiguidade; *grammatikai*

Referências bibliográficas

ADLER, (ed.) *Suidae lexicon, Lexicographi graeci*. Leipzig: Teubner, 1928-1938

AGUSTA-BOULAROT, S.; BOUSBAA, M. Une inscription inédite de Cherchell (Algérie): Volusia Tertullina grammat(ica). *L'Africa Romana*, v. 11, p. 163-173, 1994.

CRIBIORE, R. *Gymnastics of the Mind*. Greek Education in Hellenistic and Roman Egypt. Princeton and Oxford: Princeton University Press, 2001.

DÍAZ-CABAL, N. *A History of Women's Contributions to Linguistics: Words Gone with the Wind*. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2024

DIOGENES LAERTIUS; MARCOVICH, M. *Diogenis Laertii Vitae philosophorum Volume I Libri I-X*, Berlin, Boston: B. G. Teubner, 1999. <https://doi.org/10.1515/9783110957419>

LUTHALA, A. Visible and invisible women in ancient linguistic culture. In: AYRES-BENNETT, Wendy; SANSON, Helena (ed.). *Women in the History of Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

MONTSERRAT, D. Heron "Bearer of philosophia" and Hermione grammatike. *Journal of Egyptian Archaeology*, v. 83, p. 223-226, 1997.

POMEROY, S. B. *Women in Hellenistic Egypt: From Alexander to Cleopatra*. New York: Schocken. 1984

SWIGGERS, Pierre. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, v. 44, p. 39-59, 2013.

MUJERES EN LA HISTORIA DE LA LINGÜÍSTICA ARGENTINA: UN (INTENTO DE) ESTADO DE LA CUESTIÓN

Guillermo Toscano y Garcia

Es un hecho conocido que la actuación de mujeres gramáticas, filólogas y lingüistas en el desarrollo histórico de las ciencias del lenguaje ha sido objeto de atención apenas marginal en el ámbito investigativo de la historiografía lingüística. Esta desatención parece agravarse en el caso de las tradiciones lingüísticas pertenecientes al antiguo orden colonial europeo: así, por ejemplo, el trabajo de referencia editado por Wendy Ayres-Bennet y Helena Sanson, *Women in the History of Linguistics* (2020), no aborda particularmente la producción lingüística debida a mujeres en el espacio sudamericano hispanohablante. Un fenómeno similar se registra en el ámbito de los instrumentos bibliográficos de uso extendido en el campo disciplinar: la *Bibliografía cronológica de la lingüística, la gramática y la lexicografía del español*, editada en cinco volúmenes por Hans-Josef Niederehe y (luego) Miguel Ángel Esparza, que representa (como hemos demostrado en el marco del proyecto Bibliografía de la gramática escolar argentina [BIGEA]; véase CORDISCO et al. 2020) muy parcialmente la tradición lingüística hispanoamericana, casi no recoge aquellos materiales debidos a mujeres. En esta comunicación, me propongo llevar a cabo una revisión de la literatura disponible cuyo objeto es la actuación de mujeres en el desarrollo histórico de las ciencias del lenguaje en un ámbito particular, el de la República Argentina. Así, busco contribuir –en línea con los objetivos del Proyecto 31 “Gênero e Historiografia das Ciências da Linguagem: Américas”, coordinado por Cristina Altman y Julia Lourenço en el marco de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina– no solo a recuperar y visibilizar esta producción sino, y fundamentalmente, a demostrar el lugar decisivo que ella tiene en el desarrollo histórico de la lingüística argentina a lo largo de tres dimensiones y períodos: la creación de gramáticas escolares destinadas a la escuela primaria y secundaria en el marco de la tradición pedagógica del normalismo; la emergencia de un campo científico para los estudios lingüísticos en el país; y la consolidación y desarrollo de la lingüística argentina del siglo XX.

Palabras clave: mujeres lingüistas; historia de la lingüística; Argentina.

Referencias

AYRES-BENNET, W.; SANSON, H. **Women in the History of Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2020.

CORDISCO, A. et al. BIGEA: hacia una bibliografía de la gramática escolar argentina. **Anales de Lingüística - Segunda época**. Mendoza, v. 4, p. 219-236, 2020.

NIEDEREHE, H.-J. **Bibliografía cronológica de la lingüística, la gramática y la lexicografía del español. Desde los comienzos hasta el año 1600 (=BICRES I)**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1994.

NIEDEREHE, H.-J. **Bibliografía cronológica de la lingüística, la gramática y la lexicografía del español. Desde el año 1601 hasta el año 1700. (=BICRES II)** Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1999.

NIEDEREHE, H.-J. **Bibliografía cronológica de la lingüística, la gramática y la lexicografía del español. Desde el año 1701 hasta el año 1800 (BICRES III)**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.

NIEDEREHE, H.-J.; ESPARZA, M. A. **Bibliografía cronológica de la lingüística, la gramática y la lexicografía del español. Desde el año 1801 hasta el año 1860 (BICRES IV)**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2012.

NIEDEREHE, H.-J.; ESPARZA, M. A. **Bibliografía cronológica de la lingüística, la gramática y la lexicografía del español. Desde el año 1861 hasta el año 1899 (BICRES V)**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2015.

UNA MUJER EN EL CENTRO DEL SISTEMA EDUCATIVO CHILENO DE FINALES DEL SIGLO XIX: ANÁLISIS DE TEORÍA I PRÁCTICA DE LA ENSEÑANZA DEL CASTELLANO (BERING Y SEPÚLVEDA, 1896)

Juan Miguel González Jiménez

La figura y obra de Bello tuvieron, desde su llegada a Chile, una incidencia manifiesta en el país, particularmente en el ámbito educativo con su designación, entre otros cargos, como rector de la recién fundada Universidad de Chile en 1842, pero también gracias a su Gramática (1847¹-1860⁵). Esta última, como apuntó Lenz (1906: 42 apud Soto, 2016: 232), presentaba un carácter dogmático a finales del mismo siglo en el nivel secundario, una afirmación que consideramos debe ser contrastada con las fuentes de la enseñanza primaria.

Es justo en esas últimas décadas del siglo cuando se convoca el certamen pedagógico de 1893 bajo el gobierno de Montt, que tiene como objetivo la renovación del sistema educativo primario bajo las premisas importadas por Abelardo Núñez de Estados Unidos y Europa y del que fue vencedor la obra que nos ocupa: Teoría i práctica de la enseñanza del castellano (Bering y Sepúlveda, 1896), publicada en Santiago de Chile. Por tanto, y en relación con lo anterior, hipotetizamos que la influencia de Bello debe ser notable pero parcial, puesto que no solo se manifiesta la presencia de otras fuentes en el texto que nos ocupa, sino que, además, debió someterse a la recontextualización pertinente para constituir una gramática pedagógica.

Nuestro objetivo general, en consecuencia, es analizar la ideología teórica del tratado, puesto que se constituye como una obra canónicamente privilegiada por el Estado chileno, mientras que los objetivos secundarios son el análisis de la pervivencia de las teorías bellistas en el texto y la del resto de autores que conforman el canon de la obra.

En relación con la metodología que utilizaremos, partimos de la modelización del hecho historiográfico como un acto comunicativo complejo y de las propiedades del hecho gramaticográfico en concreto (Zamorano Aguilar, 2022). De las propiedades básicas emanan tres teorías que aplicaremos en nuestro trabajo: la teoría de las series textuales –que se ocupa de la transtextualidad–, la del canon –de la canonicidad– y la de la gramatización –de la fijación–.

Palabras clave: gramaticografía, Chile, siglo XIX

Referencias

BELLO, A. **Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos. Con las notas de Rufino José Cuervo** (volúmenes 1 y 2) [estudio y edición de Ramón Trujillo]. Madrid: Arco/Libros, 1988 [1847¹-1860⁵].

BERING, I. y SEPÚLVEDA, J. T. **Teoría i práctica de la enseñanza del castellano**. Santiago: Imprenta i encuadernación Roma, 1896.

SOTO, G. (2016). Rodolfo Lenz y la enseñanza del castellano como idioma patrio en Chile. **Boletín de Filología**, v. 51, n. 1, p. 211-238. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-93032016000100007>

ZAMORANO AGUILAR, A. **La gramatización del español en el Perú del siglo XIX. Contribución a la historia de las ideas lingüísticas en América Latina**. Berlín: Peter Lang, 2022.

CONTRASTES DE GÊNERO NA LINGUÍSTICA: PERSPECTIVAS HISTORIOGRÁFICA E SEMIÓTICA SOBRE AS MULHERES LINGUISTAS BRASILEIRAS

Julia Lourenço

Patricia Veronica Moreira

A demanda por delinear e compreender o papel das mulheres na ciência marca um movimento possível de ser observado em diversas esferas da vida social, inclusive a acadêmica. Nesse contexto, as ciências da linguagem também vêm contribuindo para o debate acerca das questões de gênero, a partir das mais variadas perspectivas teóricas. Entre elas, destacamos a historiografia linguística e a semiótica discursiva que, com pesquisas recentes, têm se destacado na abordagem do tema (Ayres-Bennett, Wendy; Sanson, 2020; Altman; Lourenço, 2023; Moreira; Santos; Portela, 2021; Schwartzmann, 2022). De um lado, a Historiografia Linguística busca descrever e interpretar a evolução do conhecimento linguístico, em determinado contexto social e histórico (Altman, 2003). De outro, a semiótica investiga como o sentido é construído e apreendido, nos mais diversos textos e discursos (Greimas; Courtés, 2008). Propomos, neste trabalho, um olhar entrecruzado das perspectivas da Historiografia e da Semiótica, um caminho para a análise sobre a função das mulheres na Linguística brasileira, *stricto sensu*, notadamente nos processos de institucionalização da disciplina no país. Com o recorte temporal de 1960 a 1990, examinamos textos de autoria feminina e textos de autoria masculina publicados em seis periódicos científicos do período. Neste exame, articulamos parâmetros internos e externos aos textos, com a expectativa de ver emergir contrastes ligados ao gênero dos(as) autores(as), tanto no que diz respeito ao valor semântico que assumem no seu contexto de enunciação, quanto as funções que são chamados a cumprir no seu contexto social. Com base, sobretudo, no conceito de influência (Koerner, 2014), busca-se suprir a lacuna de análise discursivo-textual, com a utilização de elementos da metodologia semiótica (Zilberberg; Fontanille, 2001) nas análises. No caso particular da influência, a elaboração de uma tipologia de citações tensivas possibilita, por exemplo, a criação de horizontes retrospectivos. Assim, o principal objetivo deste trabalho é elaborar um levantamento das mulheres linguistas do século XX, por meio das citações; tanto pelo modo como elas citam outrem, quanto pela

maneira como elas são citadas nos textos que fazem parte do corpus da pesquisa. Compreendemos que a união entre Historiografia e Semiótica reverbera um potencial analítico para revisão dos cânones do ensino e das pesquisas. Utilizando essa tipologia, e com base nos traços deixados nos enunciados, demonstramos que é possível quantificar e qualificar elementos citacionais, podendo evidenciar também contrastes de gênero. Com tal abordagem, torna-se possível propor categorias interpretativas para a construção de uma Historiografia Linguística feminina no Brasil, que reposicione as mulheres, pesquisadoras e professoras, que participaram e ainda participam ativamente dos movimentos científicos e do desenvolvimento das ciências da linguagem no Brasil.

Palavras-chave: Historiografia Linguística. Semiótica discursiva. Linguística brasileira. Mulheres na ciência. Feminismos.

Referências

- ALTMAN, Cristina. **A pesquisa Linguística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas, 2003.
- ALTMAN, Cristina; LOURENÇO, Julia. **Feminino em Historiografia Linguística: Américas**. vol. 1. Campinas: Pontes editores, 2023.
- AYRES-BENNETT, Wendy; SANSON, Helena (ed.). **Women in the History of Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2020.
- GREIMAS, Algirdas J.; COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.
- KOERNER, Ernst F. K. **Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados**. 1. ed. Braga: Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. v. 11, 2014.
- MOREIRA, Patricia V.; SANTOS, Flavia K. R.; PORTELA, Jean C. A citação em textos científicos: uma análise semio-histórica do argumento de influência. **Estudos Linguísticos**, v. 50, n. 1, p. 262-280, 2021.
- SCHWARTZMANN, Matheus N. Língua, gênero e diversidade: o que tem a semiótica a ver com isso? **Estudos Semióticos**, 18(3), 258-278, 2022.
- ZILBERBERG, Claude; FONTANILLE, Jacques. **Tensão e significação**. Trad. Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Discurso Editorial, Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

UM FILÓLOGO NEGRO E A GRAMATIZAÇÃO DO ESPANHOL NO BRASIL: A GRAMÁTICA DA LÍNGUA ESPANHOLA PARA USO DOS BRASILEIROS DE ANTENOR NASCENTES (1920)

Laura Sokolowicz

Em 1920, o filólogo carioca Antenor Nascentes publica a primeira gramática de espanhol produzida no Brasil para o estudo desta língua no ensino escolar (*Gramática da Língua Espanhola para uso dos Brasileiros*). Primeiro colocado no concurso ocorrido em 1919 para ocupar a cadeira de espanhol que acabava de ser criada no Colégio Pedro II (decreto lei n. 3674), na capital da República, Nascentes produziu - como era praxe na época e em pouquíssimo tempo - o instrumento linguístico que funcionaria como suporte das suas aulas. Anunciava na Introdução da obra - e é possível conferir numa análise quantitativa dos autores citados - que a edição de 1917 da *Gramática da Real Academia Espanhola* (RAE) fora a sua principal fonte, “a autoridade soberana” (Nascentes, 1920, p. 4). Vale lembrar que essa obra era também fonte importante para as gramáticas produzidas nos países hispano-falantes e, como tal, fundamental não só para compreender o processo de gramatização da língua (Auroux [1992], 2009), mas também para interpretar a complexa rede de condições de produção da obra de Nascentes. No entanto, o alinhamento de Nascentes à gramática da RAE não nos permite adentrar totalmente nas ideias linguísticas do filólogo brasileiro, cujos indícios podem e devem ser rastreados também em sua vasta obra produzida em e sobre o português do Brasil. Deste modo, a partir da Análise do Discurso e de um enfoque Glotopolítico, esta comunicação contempla dois **eixos de análise**: apresenta algumas das marcas que funcionam como indícios das ideias linguísticas do filólogo negro (em épocas de eugenia), uma figura central consultada desde os mais remotos lugares e instituições do mundo quando o assunto era o português do Brasil; e busca apresentar recortes menos evidentes da *Gramática* de espanhol de Nascentes a partir de vestígios (Ginzburg, 1989) que nos permitam discutir a concepção histórica, social e política que o autor tinha sobre a(s) língua(s).

Palavras chave: Antenor Nascentes; Brasil; Saberes linguísticos; Gramatização do espanhol.

Bibliografia

AUROUX, Sylvain (1992). *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Orlandi – 2ª ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

GINZBURG, Carlo. Sinais. Raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas, sinais. Morfologia e história*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

NASCENTES, Antenor. *Gramática da Língua Espanhola para uso dos brasileiros*. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello, 1920.

DIÁLOGOS COM A TRADIÇÃO GRAMATICAL HISPÂNICA EM *EL ESPAÑOL DEL COLEGIO*, DE BEATRIZ DE CHACEL (1944)

Leandro Silveira de Araujo

Este trabalho dá continuidade à reflexão sobre a participação da mulher na escrita de textos gramaticais de espanhol como língua estrangeira (E/LE) no Brasil (ARAUJO, 2025). Em particular, analisamos como a primeira obra desse gênero escrita por uma mulher no Brasil, a saber: *El español Del colegio*, de Beatriz de Chacel (1944), estabelece um diálogo transtextual com a tradição gramatical hispânica dentro e fora do país. Para tanto, atemo-nosno tratamento que a autora faz de aspectos morfológicos (classes de palavras, sistemas flexivo e pronominal) para observar se há permanência de ideias linguísticas recorrentes na tradição inaugurada por Nascentes (1920) no Brasil se é possível observar algum diálogo com ideias presentes em obras nacionais de autores com maior expressão e contemporâneos à Chacel, tais como Jucá Filho (1944) e Becker (1945), bem como com a tradição mais ampla, fomentada internacionalmente por Bello (1847) e pela Real Academia Espanhola (1880). A análise se insere nos pressupostos teóricos e metodológicos da Historiografia da Linguística (Swiaggers, 2004, 2012, 2015), orientando-se especialmente pelos conceitos de transtextualidade, teoria do canon e teoria das séries textuais (Zamorano Aguilar, 2010, 2017, 2022). Tendo em vista a recorrente postura de reprodução de ideias já consolidadas na produção gramatical de autoria feminina (Ayres-Bennett, Sanson, 2020; Altman, Lourenço, 2023; Araujo, 2025), partimos da hipótese de que a autora assume uma postura mais conservadora no que se relaciona à descrição da língua, embora inove nas abordagens didáticas apresentadas na obra.

Palavras-chave: feminino; gramaticografia; língua estrangeira; língua espanhola; hispanismo

Referências

- ARAUJO, L. S. de. A participação feminina na gramaticografia de espanhol como língua estrangeira no Brasil e o protagonismo de Beatriz de Chacel. *Domínios de Lingu@gem*, Uberlândia, v. 19, p. e019001, 2025.
- Ayres-Bennett, W; Sanson, H. (eds.). **Women in the History of Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2020.

- Altman, C.; Lourenço, J. (Org.). **Feminino em historiografia linguística: Américas**. São Paulo: Pontes Editores, 2023.
- BECKER, I. **Manual de español**: gramática y ejercicios de aplicación; lecturas; correspondencia; vocabularios; antología poética. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.
- BELLO, A. **Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos**. Santiago de Chile: Imprentadelprogreso. 1847.
- CHACEL, B. M. **El español del colegio**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.
- JUCÁ FILHO, C. **El castellano contemporâneo**: gramática y textos. Rio de Janeiro: Editora Panamericana, 1944.
- NASCENTES, A. V. **Gramática da língua espanhola para uso dos brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Drummond, 1920
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Gramática de la Lengua Española**. Madri: Gregorio Hernando, impresor y librero de la Real Academia Española. 1880.
- SWIGGERS, P. Modelos, métodos y problemas en la historiografía de la lingüística. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE LA SEHL, 4, 2003, La Laguna (Tenerife). **Nuevas aportaciones a la historiografía lingüística**: Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL. Madri: Arco Libros, 2004. v. i, p. 113-146.
- SWIGGERS, P.ierre. Historiografía de la gramaticografía didáctica: apuntes metodológicos con referencia a la (historia de la) gramática española y francesa. En: Vila Rubio, Neus (ed.). *Lengua, literatura y educación en la España del siglo XX*. Berna: Peter Lang, 2012. p. 15-17.
- SWIGGERS, P. Grammaticographie. In: POLZIN-HAUMANN, Claudia; SCHWEICKARD, Wolfgang. **Manuel de linguistique française**. Berlín: Gruyter, 2015. p. 525 -555
- Zamorano Aguilar, Alfonso. Teoría del canon y gramaticografía. La tradición española de 1750 a 1850. In: GaviñoRodríguez, Victoriano; DuránLópez, Fernando (eds.), **Gramática, canon e historia literaria (1750 y 1850)**. Madrid: Visor Libros, 2010, p. 421- 466.
- Zamorano Aguilar, Alfonso. Series textuales, edición de textos y gramaticografía: teoría, aplicación, constantes y variables. **Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft**, 27, 1, p. 115-135, 2017.
- ZAMORANO AGUILAR, A. Presentación, principios teórico-metodológico y plan de esta investigación. In: ZAMORANO AGUILAR, A. **La gramatización del español en el Perú del siglo XIX**: contribución a la historia de las ideas lingüísticas en América Latina. Berlín: Peter Lang, 2022.

MATTOSO CÂMARA JUNIOR FRENTE A NOVAS QUESTÕES DE GÊNERO NA LINGUÍSTICA: NATURALIZAÇÃO E VIÉS IDEOLÓGICO

Luana De Conto

Partindo da perspectiva de uma Historiografia Linguística Decolonial (Coelho, 2023), questionamos neste trabalho a naturalização da análise de Joaquim Mattoso Camara Junior ([1970] 2009) para o morfema de gênero dos substantivos da língua portuguesa, considerando as dinâmicas que subjazem aos movimentos de construção do cânone de descrição linguística da língua portuguesa, em termos que permitem entender “as pessoas envolvidas com a elaboração e a comunicação do conhecimento linguístico e com a criação de aparelhos e políticas institucionais como *corporificadas, interessadas e situadas* em específicas posições geopolíticas.” (Coelho, 2023, p. 168, grifo da autora). Como corpus de análise, reunimos (i) o texto já citado de Mattoso, com sua exposição acerca do gênero não marcado, (ii) a análise de Aline Villalva (2007) sobre a marcação de gênero de palavras com referência a entidades humanas, e (iii) o texto de Sírio Possenti (2022), que enuncia o que seria a “voz da Linguística” sobre o tema do gênero na língua. A análise de Mattoso Câmara Junior propõe que “o gênero é uma distribuição em classes mórficas” e que haveria uma “incompreensão semântica” quando “costuma ser associada intimamente ao sexo dos seres” (Camara Junior, 2009, p. 88). A oposição entre um gênero marcado (nomeado usualmente de feminino) e outro gênero não marcado (nomeado usualmente de masculino) seria, portanto, uma diferença estritamente mórfica. Aline Villalva observa que entre as palavras com referentes humanos há uma tendência de associação entre o gênero gramatical e o gênero da entidade no mundo: “Regra geral, a referência a entidades humanas distingue o gênero masculino do feminino, estabelecendo um nexos entre o primeiro e sexo masculino e entre o segundo e sexo feminino” (Villalva, 2007, p. 92). Sírio Possenti (2022), em seu texto que compõe o volume “Linguagem ‘Neutra’: língua e gênero em debate”, expõe a visão de Mattoso em seção denominada “a voz da linguística” e adota um viés defensivo em relação às críticas que vinham sendo dirigidas à afirmação mattsosiana de que o feminino ‘menina’ indicaria “uma especialização qualquer” da categoria generalista ‘menino’. Para isso, o autor defende a cisão incondicional entre a forma e as questões ideológicas: “Evidentemente, a comparação pode soar derrisória para meninas/moças/mulheres, mas penso que não é se se aceita que a morfologia não tem nada a ver com questões ideológicas como igualdade e dignidade humanas.” (Possenti, 2022,

p. 23-24). Argumentamos que as observações de Câmara Junior atingiram o que se chama de naturalização de teoria entre autores recentes, ao passo em que tal posição de análise passou a ser confundida com o próprio objeto em análise (Borges Neto, 2013, p. 2): a distinção entre marcado e não marcado – situada no bojo do viés teórico do autor – passou a ser reverberada como o próprio fenômeno de gênero da língua portuguesa, e não uma interpretação circunscrita a uma teoria. O esforço na assepsia de questões ideológicas de gênero observada em Possenti surge no contexto de proposição do uso de formas em -e, como ‘todes’ e ‘menines’, como estratégia de mudança linguística planejada e politicamente engajada envolvendo morfemas não binários. Como nos lembra Olga Coelho (2023, p. 168), as formas de representação e de codificação das línguas não escapam ilesas à força das violências estruturantes da nossa sociedade. Concluimos que a argumentação pela objetividade na análise de gênero (estritamente mórfica) de Mattoso repousa sobre o privilégio da voz de autoridade atribuída a esta figura masculina cisgênero branca e sudestina – representativa da idealização do “linguista brasileiro” conforme aponta Olga Coelho (2023, p. 168). A manutenção dessa posição como representativa da linguística como um todo tem sido feita à revelia de observações mais refinadas, que levam em conta fatores outros não contemplados na proposta inicial do autor e que forçosamente põem em evidência questões de natureza sociocultural, de modo que a defesa irrestrita da análise de Mattoso demarca também um posicionamento político e ideológico no debate público sobre gênero na língua.

Palavras-chave: Gênero; Morfologia; Mattoso Câmara Junior.

Referências

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. [1970] *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

COELHO, Olga. Historiografia Linguística Decolonial. In: LEITE, Marli Quadros; HACKEROTT, Maria Mercedes Saraiva; SIQUEIRA, Cíntia Cardoso (orgs.). *Tópicos em historiografia da linguística: das práticas Linguísticas à meta-historiografia*. São Paulo: Edusp: 2023.

POSSENTI, Sirio. O gênero e o gênero. In: OTHERO, Gabriel D’Avila; BARBOSA FILHO, Fábio Ramos. (orgs.) *Linguagem “neutra”: língua e gênero em debate*. São Paulo: Parábola, 2022. p. 17-36.

VILLALVA, Aline. *Morfologia do português*. Lisboa: Universidade Aberta, 2007.

EL PROCESO DE GRAMATIZACIÓN EN LA ANALOGÍA (1897) DE CLORINDA MATTO DE TURNER

María Martínez-Atienza de Dios

El objetivo fundamental de este trabajo es analizar el proceso de gramatización y el canon en una obra publicada en 1897 en Buenos Aires por parte de la escritora peruana Clorinda Matto de Turner, a saber, la *Analogía*. Se trata de una obra destinada a la enseñanza de la gramática en las escuelas argentinas, redactada por quien, según se declara en la portada de la mencionada obra, fue profesora de gramática castellana en las escuelas normales. Para ello, desde el punto de vista metodológico, tendremos en cuenta el canon seguido en la obra, con lo que distinguiremos entre el *canon explícito*, o fuentes declaradas por la autora, y el *implícito*, o no declaradas (Zamorano Aguilar, 2022). Partimos de la consideración de la historiografía lingüística como un acto comunicativo (Brekke, 1986 y Zamorano Aguilar, 2022), de modo que resulta fundamental conocer el contexto social, político y educativo de finales del siglo XIX en el que se publicó la *Analogía*, pues, según defendemos, condicionó en buena medida el contenido del mensaje (Martínez-Atienza, 2023). Asimismo, partimos del concepto de *gramatización*, que la entiende “como un proceso de inserción y fijación de clases y categorías gramaticales en el seno de la historia de una tradición gramatical concreta” (Zamorano Aguilar, 2018: 413). Contextualizaremos, por tanto, la biografía de Matto de Turner y su obra en el período histórico en que se desarrolló y, tras ello, analizaremos, entre los diversos temas, la conceptualización de la gramática, la división en partes, la clasificación de las clases de palabras y los criterios utilizados para su definición y clasificación. Asimismo, estableceremos la correspondiente relación con otras obras publicadas con anterioridad a la *Analogía* y también en el mismo período. Entre los resultados fundamentales de nuestro trabajo, destacaremos que el canon académico tiene una destacada presencia en la obra, concretamente la edición de la *Gramática* de 1870.

Palabras clave: Clorinda Matto de Turner; *Analogía*; gramatización; canon.

Referencias bibliográficas

Brekke, Herbert E. (1986): "What is History of Linguistics and to what end is it produced? A didactic approach", en Theodora Bynon y Frank R. Palmer (eds.): *Studies in the History of Western Linguistics: In Honour of R. H. Robins*. Cambridge: Cambridge University Press, 1-10.

Martínez-Atienza, María (2023): "Canon y conceptualización gramatical en la *Analogía* (1897) de la escritora peruana Clorinda Matto de Turner", en María José Ramos Rovi, María Luisa Calero Vaquera y María Dolores Ramos García (eds.): *Mujeres y Política: visiones interculturales desde la historia, el arte y la lingüística*. Granada: editorial Comares, 211-224.

Zamorano Aguilar, Alfonso (2018): "Series textuales y gramatización de categorías morfológicas en la España del primer tercio del siglo XX. A propósito del *Tratado elemental de la lengua castellana* de Rufino Blanco Sánchez (1868-1936)". *Pragmalinguística*, 26: 407-441.

Zamorano Aguilar, Alfonso (2022): *La gramatización del español en el Perú del siglo XIX: Contribución a la historia de las ideas lingüísticas en América Latina*. Berlín: Peter Lang.

LA DIDÁCTICA DE LA LECTURA COMO OBJETO DE DISPUTA EN EL CAMPO PEDAGÓGICO-GRAMATICAL URUGUAYO EN EL CAMBIO DE SIGLO: EMMA CATALÁ DE PRINCIVALLE Y EL MÉTODO ANALÍTICO-SINTÉTICO DE PALABRAS NORMALES

Mariela Oroño

En esta ponencia propongo avanzar en el conocimiento del campo pedagógico-gramatical uruguayo entre mediados del siglo xix y mediados del siglo xx. Para ello, estudio la propuesta sobre didáctica de la lectura de la maestra uruguaya Emma Catalá de Princivalle a partir del análisis de su serie de seis libros de lectura (*Ejercicios progresivos de lectura, ortología y ortografía*, 1903) y de las conferencias que dictó en torno a esta temática en el marco de las *Conferencias pedagógicas de Montevideo* organizadas por la Dirección General de Instrucción Pública (CATALÁ, 1910). También tengo en cuenta las respuestas recibidas a estas intervenciones (MESTRE, 1910) así como las *series preparatorias y paralelas* (ZAMORANO AGUILAR, 2022) reconocidas por la propia autora. La didáctica de la lectura fue tema central en las reflexiones del *campo* (BOURDIEU, 2002) escolar uruguayo de la última década del siglo xix y primera del siglo xx (cfr. OROÑO, 2023). La maestra Emma Catalá de Princivalle se incorporó a esta polémica con la publicación de su serie de libros de lectura, su oficialización casi inmediata y las conferencias que dictó en torno a esta temática, en las que discute sobre algunos aspectos del método analítico-sintético de palabras normales con José H. Figueira, quien ocupaba una posición dominante dentro del campo pedagógico-gramatical, y cuyos libros de lectura venían siendo textos oficiales en las escuelas públicas desde hacía décadas (cfr. OROÑO, 2016). En su argumentación, Catalá recupera la obra del también uruguayo Marcos Sastre, en particular su *Anagnosia* ([1849] 1880). Catalá propone trabajar con lecciones graduadas (cuyas lecturas traten temas doméstico-familiares, histórico-patrióticos y de la naturaleza, que permitan además distintos niveles de lectura según la edad de los escolares) y, al igual que Figueira, utilizar el método analítico-sintético de palabras normales, aunque difiere con aquél (y sigue a Sastre) en cuál es la primera palabra generadora con la que debe iniciarse la enseñanza. Es de destacar su propuesta de no enseñar los nombres de los grafemas sino enseñar a leer a partir del reconocimiento de los fonemas. Tanto las observaciones de Catalá como las opiniones de los otros actores interesados en la temática evidencian las posiciones en juego y la disputa por la

hegemonía dentro del campo escolar, a la vez que muestran el lugar que empiezan a ocupar las mujeres en él, en particular en relación con la generación de conocimiento sobre el lenguaje y el desarrollo del campo disciplinar.

Referencias

BOURDIEU, P. Campo de poder, campo intelectual. Itinerario de un concepto. Buenos Aires: Montessor, 2002.

CATALÁ DE PRINCIVALLE, E. Ejercicios progresivos de lectura, ortología y ortografía. Por el método analítico-sintético de palabras normales. Montevideo: Imprenta el Siglo Ilustrado, 1903.

CATALÁ DE PRINCIVALLE, E. Sobre la enseñanza de la lectura". Anales de Instrucción Primaria, Montevideo, v. viii, p. 753- 769, 1910.

MESTRE, J. Los libros de texto para las escuelas. Anales de Instrucción Primaria, Montevideo, v. viii, p. 160-164, 1910.

OROÑO, M. El lenguaje en la construcción de la identidad nacional. Los libros escolares de lectura de Vásquez Acevedo, Figueira y Abadie-Zarrilli. Montevideo: Tradinco, 2016.

OROÑO, M. Panorama del campo pedagógico-gramatical uruguayo en el último cuarto del siglo xix, Lingüística, Montevideo, v. 39, n. 1, p. 123-143, 2023.

SASTRE, M. Anagnosia. Verdadero método para enseñar y aprender á leer con facilidad, sin empezar por el abecedario ni el deletreo, e inspirando a los niños afición a la lectura y amor a la virtud y el trabajo. Buenos Aires: Imprenta de Pablo E. Coni, 1880 [1849].

ZAMORANO AGUILAR, A. La gramatización del español en el Perú del siglo XIX. Contribución a la historia de las ideas lingüísticas en América Latina. Berlín: Peter Lang, 2022.

OUTRAS FONTES E OUTRAS PERSPECTIVAS NA REVISÃO HISTORIOGRÁFICA DO CONHECIMENTO LINGUÍSTICO

Ronaldo de Oliveira Batista

Diante da delimitação temática do evento em relação ao tratamento historiográfico de produções à margem, a comunicação objetiva fomentar reflexão sobre o tipo de material que tem sido alçado ao posto de fonte privilegiada como documento histórico. Com interesse em uma discussão meta-historiográfica, apresenta-se um conjunto de materiais que não têm sido considerados na historiografia da linguística brasileira como fontes para análise da produção, circulação e recepção do conhecimento linguístico no século XX. Sendo assim, estão em pauta critérios de seleção do que vem se estabelecendo como cânone analítico para o historiógrafo, que, conseqüentemente, muitas vezes se limita (ou vem se limitando) ao estudo dos chamados instrumentos linguísticos (como a gramática e o dicionário). Diante dessa delimitação, levam-se em consideração artigos da grande imprensa, narrativas cinematográficas e literárias, poemas, textos de humor. Sem dúvida, um material à margem do foco dos historiógrafos até o momento. Privilegiadamente na comunicação, dois desses materiais (que circularam na grande imprensa) são escolhidos para questionamentos: o poema “Exorcismo” de Carlos Drummond de Andrade divulgado em 1975; o texto de humor “Comunicação” de Ziraldo divulgado em 1973. As indagações têm por finalidade compreender: por quais critérios selecionamos fontes?; o que há em certas fontes que as legitimam ao mesmo tempo em que outras são ignoradas?; como historiógrafos podem se aproximar de fontes até então desconsideradas como documento histórico? Entende-se que uma abordagem meta-historiográfica segue procedimentos metodológicos típicos das pesquisas analíticas documentais. Desse modo, o método adotado na pesquisa que conduz a alguns resultados esboçados na comunicação contempla, seguindo Swiggers (2019): uma primeira etapa de descoberta – seleção do material de análise e dos modos de tratamento dessas fontes; uma etapa central de interpretação – a partir do material, uma questão fundamental se coloca sobre motivos da exclusão, em uma historiografia tradicional, de materiais que negam a validade do conhecimento linguístico que analisamos em historiografia linguística; uma etapa final de exposição dos resultados da abordagem analítica proposta, o que se dá na comunicação

a ser apresentada no evento. Em paralelo com autores que se voltam para estudos meta-historiográficos (cf. BARROS, 2019; KRAGH, 2001[1987]; PUCCI, 2016; SWIGGERS, 2019; TUCKER, 2004; VEYNE, 2008[1971]), compreende-se que a seleção de fontes é tão provisória e subjetiva (ou relativamente objetiva) quanto a análise historiográfica e sua narração. As fontes estão, em vista disso, subordinadas a um processo de legitimação que exclui aquilo que em um recorte histórico não atende a interesses (nem sempre claros e explícitos) dos historiógrafos da linguística.

Palavras-chave: Documentos históricos; Cânones; Fontes Marginais; Linguística Brasileira

Referências

BARROS, José D'Assunção. *Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos*. Petrópolis: Vozes, 2019.

DRUMMOND DE ANDRADE, Carlos. Exorcismo. *Jornal do Brasil*, Caderno B, p. 5, 12/4/1975.

KRAGH, Helge. *Introdução à historiografia da ciência*. Tradução de C. G. Babo. Porto: Porto Editora, 2001[1987].

PUCCI, Roberto. *Historia: erudición, interpretación y escritura*. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2016.

SWIGGERS, Pierre. Historiografia da linguística: princípios, perspectivas, problemas. In: BATISTA, Ronaldo de Oliveira (Org.). *Historiografia da linguística*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 45-80.

TUCKER, Aviezer. *Our Knowledge of the Past: A Philosophy of Historiography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. Tradução de A.J. da Silva Moreira. Lisboa: Edições 70, 2008[1971].

ZIRALDO. Comunicação. *O Pasquim*, v. 5, n. 193, p. 24, 1973.

UN APPENDIX PROBI EN LOS APUNTES GRAMATICALES DE EUDOMILIA GALLARDO SCHENKE (1916)

Soledad Chávez Fajardo
Claudio Gutiérrez Marfull

Hasta ahora, los *Apuntes gramaticales* de Eudomilia Gallardo (1916) ha sido estudiado desde una perspectiva historiográfica y lingüística (Chávez Fajardo 2023) y de la glotopolítica y la sociolingüística del lenguaje (Avilés 2024), mas no desde la perspectiva de la lexicología histórica. En efecto, una de las secciones de los *Apuntes* es un catálogo de censuras de usos no estándar que no ha sido estudiado al día de hoy. No hay que olvidar que la relevancia del análisis pormenorizado de estos listados es un verdadero aporte en lo que respecta a la historia del español de Chile, a la lexicología histórica, algo que se quiere mostrar en esta comunicación.

Para determinar cuestiones relacionadas con estos catálogos de censuras de usos no estándar, como cuestiones de diatopía, normatividad, diasistema, variación léxica o indigenismos, entre otros aspectos, se ha optado por el *método serial* (Schlieben-Lange 1993). En efecto, para hacer estudios históricos e historiográficos en lingüística se deben recopilar textos con una considerable homogeneidad genérica y representatividad. Por lo mismo, el análisis no se quedará solamente en la lectura y análisis pormenorizado del listado de Gallardo, sino en listados similares, como los presentes en la obra de José Olegario Reyes. Asimismo, de textos que no son necesariamente catálogos, sobre todo la información que se puede encontrar en el Fichero del DHLE, por ejemplo, o en obras como las *Correcciones Lexigráficas* de Gormaz (1860), entre otras obras afines. La relevancia del método serial es informar, por medio del estudio coordinado de textos homogéneos, determinadas tradiciones de actividades del habla.

Para un estudio pormenorizado del catálogo de censura de usos no estándar en Gallardo, se han tipologizado las voces a partir de la forma y función de estas. La finalidad, entonces, será dar cuenta de esta tipología.

El presente estudio se centra en la relevancia de estos catálogos de censura para dar cuenta de cuestiones de lexicología histórica, así como cuestiones de estandarización. Por ello, la primera pregunta tiene que ver con esto: ¿cuál es la relevancia de los catálogos de censura para una propuesta lexicográfica

histórica que se centre en la lexicología histórica del español? Para ello, se trabajará con el método serial, única manera de determinar de forma histórica cuestiones relacionadas con este nivel.

Hasta ahora se han empezado a tipologizar los datos y se ha determinado que una serie de aspectos que tienen que ver con metaplasmos de dicción son los más usuales. En ello, empero, más que incorrecciones, lo que se tiene son voces que forman parte del diasistema y que no se han instalado como las formas hegemónicas o estándar en el ideal de lengua. En ello, estos datos son clave para la historia léxica española. A su vez, se han detectado un número menos de indigenismos, consideradas por la autora como “incorrectas”. La finalidad es determinar, en este caso, si indicaciones de este tipo lograron revertir el uso de indigenismos

Palabras clave: estandarización, Chile, normalistas, lexicología

Referencias

Fuentes:

Gallardo, E. (1916). *Apuntes Gramaticales*. Imprenta Chile..

Referencias teóricas:

Avilés Vergara, T. (2024). Apuntes Gramaticales de Eudomilia Gallardo: mujeres en la gestión idiomática para el cambio de siglo. *Atenea*, (529), 11-33.

Chávez Fajardo, S. (2023). Acerca de los *Apuntes Gramaticales* (1916) de Eudomilia Gallardo Schenke: una primera aproximación. En C. Altman y J. Lourenço (eds.), *Feminino em historiografia linguística: Américas. Volume I* (pp. 125-145). Pontes Editores.

Schlieben-Lange, Brigitte (1993), *História do falar e história da linguística*. Campinas: Editora da UNICAMP.

A CORRESPONDÊNCIA COMO VEÍCULO DE TRANSMISSÃO DE IDEIAS LINGUÍSTICAS E PEDAGÓGICAS: DIÁLOGOS ENTRE CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS E LUISE EY

Sónia Coelho e Susana Fontes

Tradicionalmente, a investigação historiográfica tem-se dedicado com maior incidência à análise de tratados linguísticos, havendo numerosos estudos no âmbito da língua portuguesa que têm como objeto de análise gramáticas, dicionários ou ortografias. Recentemente, tem-se assistido à inclusão de um conjunto de fontes marginais, antes não consideradas para o estudo historiográfico, também conhecidas como fontes epi-historiográficas (Swiggers, 2010; Zamorano Aguilar, 2009). Esse conjunto de documentos pode ser de natureza muito variada, incluindo correspondência privada, textos manuscritos, artigos de jornais, entre outros, e constitui-se como uma fonte importante para uma melhor e mais completa compreensão da história do pensamento linguístico e linguístico-pedagógico da época (Gaviño Rodríguez, 2021). De entre estas fontes tradicionalmente consideradas complementares e secundárias, no âmbito desta investigação, optou-se por seleccionar a correspondência, por se considerar como um meio privilegiado para a troca de ideias entre intelectuais, permitindo conhecer melhor o perfil científico destes (Delille e Ramires, 2021). Na presente comunicação, baseada numa investigação que segue uma metodologia histórico-hermenêutica, analisar-se-á correspondência trocada entre duas eminentes figuras femininas no panorama cultural português de finais do século XIX e inícios do século XX, Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925) e Luise Ey (1854-1936). Estas duas filólogas mantiveram uma grande relação de amizade e tal refletiu-se nas numerosas cartas que trocaram, nas quais dialogaram acerca de assuntos muito variados, desde aspetos de âmbito pessoal, obras literárias, traduções, projetos de trabalho, gramáticas, questões pedagógicas, até à reflexão acerca da condição da mulher na sociedade da época. Com esta comunicação, pretende-se demonstrar como esta correspondência pode ser parte integrante do discurso científico e se pode constituir como um importante veículo de ideias linguísticas e pedagógicas das duas autoras.

Palavras-chave: historiografia linguística; correspondência; Carolina Michaëlis de Vasconcelos; Luise Ey; ideias linguísticas e pedagógicas.

Referências

- BOLÉO, Luísa Viana de Paiva. "Luise Ey: A amiga de Portugal". **Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher**, v. 24, p. 9-24, 2010.
- BRAUER, Maria Fátima Viegas de Figueiredo. "Luise Ey e as suas relações com Portugal". **Runa: Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos**, v. 3, p. 89-113, 1985.
- CASTRO, Ivo; VIEIRA, Yara Frateschi. "Ideias e opiniões seladas: diálogo entre Leite de Vasconcelos e Carolina Michaëlis sobre o galego-português". **Floema**, Ano V, n. 5, p. 83-102, jul./dez. 2009.
- DELILLE, Maria Manuela Gouveia; RAMIRES, Isabel João (orgs.). **Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Ricardo Jorge. Correspondência**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2021.
- GAVIÑO RODRÍGUEZ, Victoriano. "Presentación Ideas lingüísticas y pedagógicas en la prensa de España y América del siglo XIX". **Boletín de Filología**, v. LVI, n. 1, p. 13-16, 2021.
- LOPES, Ângela Filipe. "Luise Ey e a *Portuguese Conversation-Grammar* de 1912: uma abordagem prática ao ensino do português como língua segunda". **Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa**, v. 51, n. 1, p. 125-146, 1.º sem. 2017.
- LUIS EY (1876-1949). **Espólio de Luise Ey**. Mogadouro: Biblioteca Municipal de Mogadouro.
- MONCÓVIO, Susana. Luise Ey (1854-1936): "Aspetos biográficos de uma divulgadora de Eça de Queirós na Alemanha". **Revista de Portugal**, v. 14, p. 7-22, 2017.
- SWIGGERS, Pierre. "História e Historiografia da Linguística: Status, Modelos e Classificações". **Revista Eutomia**, Ano III, v. 2, p. 1-17, dez. 2010.
- ZAMORANO AGUILAR, Alfonso. "Epihistoriografía de la Lingüística y Teoría del Canon". In: VEYRAT RIGAT, M.; SERRA ALEGRE, E. (eds.). **La lingüística como reto epistemológico y como acción social. Estudios dedicados al profesor Ángel López García con ocasión de su sexagésimo aniversario**. Madrid: Arco/Libros, 2009. p. 209-220.

A PROPOSTA DE BERTA VALENTE DE ALMEIDA PARA UMA GRAMÁTICA HISTÓRICA DO ENSINO LICEAL: INFLUÊNCIA DO IDEÁRIO DE FRANCISCO ADOLFO COELHO

Susana Fátima Póvoa Alves Fontes

As gramáticas constituem-se como um importante meio de difusão das correntes linguísticas que circulam numa determinada época. No caso particular da linguística histórico-comparativa, que foi introduzida em Portugal em meados do século XIX, esta corrente foi a base teórica adotada nas gramáticas históricas produzidas nos inícios do século XX. No presente artigo, pretende-se analisar a obra *Primeiras noções de Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, de Berta Valente de Almeida, que visava o ensino de conceitos de gramática histórica e se destinava aos alunos do ensino secundário. Na época, os programas do ensino liceal, do Curso Complementar de Letras, previam o ensino de noções elementares de gramática histórica, facto que levou a autora a procurar construir um material didático que desse uma resposta adequada às necessidades dos estudantes, procurando, desde logo, dirimir a aridez dos conteúdos em causa. Considerando que uma das figuras mais influentes na época no âmbito dos estudos histórico-comparativos em Portugal foi Francisco Adolfo Coelho (1847-1919), é objetivo deste trabalho provar que este linguista fez parte da formação académica da autora e do seu ambiente intelectual e influenciou o seu ideário linguístico, particularmente na obra *Primeiras noções de Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Esta investigação assenta numa metodologia histórica e hermenêutica, que se baseia num confronto de diferentes tipos de fontes: as obras dos autores mencionados, fontes arquivísticas e os programas do ensino liceal para a aprendizagem da língua portuguesa da época.

Palavras-chave: Historiografia linguística, gramática histórica, Berta Valente de Almeida, Francisco Adolfo Coelho, influência

Referências

Almeida, B. V. d. s.d. *Primeiras noções de gramática histórica da língua portuguesa. Ensino secundário - curso complementar*. Lisboa: Papelaria, Livraria e Tipografia Fernandes & C.^a.

- Coelho, Francisco Adolfo. 1868. *A lingua portugueza: phonologia, etymologia, morphologia e syntaxe*. Coimbra: Impressora da Universidade.
- Coelho, Francisco Adolfo. 1897. *Curso de Litteratura Nacional. I A lingua portugueza: Noções de glottologia geral e especial portugueza* (3a ed.). Porto: Magalhães e Moniz.
- Coelho, Sónia, & Susana Fontes. 2016. "A grammatica analytica da língua portugueza (1831) de Francisco Solano Constâncio". Carlos Assunção, Gonçalo Fernandes & Rolf Kemmler (Eds.), *Tradition and Innovation in the History of Linguistics: Contributions from the 13th International Conference on the History of the Language Sciences [ICHoLS XIII]*: 74-85. Münster: Nodus Publikationen.
- Fontes, Susana & Sónia Coelho. 2021. "As Primeiras noções de Gramática Historica da Língua Portuguesa de Berta Valente de Almeida". *Acta scientiarum: Language and Culture*. 43/e55172 ISSN: 1983-4683: 1-10. DOI: 10.4025/actascilangcult.v43i2.55172.
- Fontes, Susana & Sónia Coelho. 2023. "Gramáticas didáticas do Português em meados do século XX: análise de um documento inédito". *Revista História da Educação*, 27 E-ISSN: 2236-3459: 1-22. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-3459/128566>
- Koerner, E[rnst] F[rideryk] K[onrad]. 2014a. *Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados*, Seleção e edição de textos de Rolf Kemmler e Cristina Altman, Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro; Centro de Estudos em Letras (Coleção Linguística; 11).
- Koerner, E. F. K. 2014b. "O problema da 'influência' na historiografia linguística". In: Koerner (2014a: 91-102).
- Swiggers, Pierre. 2013. "A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização". *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa* 44-45: 39-59.
- Swiggers, Pierre. 2012. "Historiografía de la gramaticografía didáctica: apuntes metodológicos con referencia a la (historia de la) gramática española y francesa". Neus Vila Rubio (ed.), *Lengua, Literatura y Educación en la España del Siglo XX*. Berlín: Peter Lang: 15-39.

DERIVA X CRIOLIZAÇÃO: CONFLITOS EM TORNO DO TRATAMENTO CIENTÍFICO DA HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Wellington Santos da Silva

O presente trabalho tem como objetivo analisar as diferentes visões de cientificidade que conduziram trabalhos representativos da Linguística Histórica brasileira. Os conflitos em torno de hipóteses acerca da formação histórica do português brasileiro (PB) remontam, pelo menos, à primeira metade do século XX, quando lideranças intelectuais do campo da Filologia insurgiam-se contra os proponentes da tese de uma “língua brasileira”, fundamentados, sobretudo, na influência das línguas africanas. Não obstante a diversidade de propostas teóricas sobre o tema, a Filologia e a Linguística brasileiras dos séculos XX e XXI parecem convergir fortemente em torno de uma delas, qual seja, a hipótese da deriva linguística. Tal modelo teórico é o fio condutor da interpretação do PB oferecida por Silva Neto (1950), Camara Jr. (1975) e Naro e Scherre (1993, 2007), respectivamente, um filólogo, um linguista estruturalista e dois sociolinguistas, isto é, lideranças vinculadas a diferentes programas de investigação científica (LAKATOS, 1970). É possível observar que, de maneira geral, a hipótese da deriva é aventada a fim de problematizar a hipótese da crioulização do PB, fortemente defendida, na segunda metade do século XX, por Guy (1981). Nas críticas feitas a Guy (1981), protagonizadas sobretudo por Tarallo (1993) e Naro e Scherre (1993), combate-se a falta de consistência científica e empírica da hipótese de crioulização, em comparação direta com a tese de mudança imanente. Não obstante a renitência do modelo de deriva no âmbito das principais lideranças da Linguística Histórica brasileira, o trabalho de Lucchesi (2012), à luz do conceito de transmissão linguística irregular – intimamente ligado à tese da crioulização –, propõe uma inversão das forças do conflito, classificando a hipótese da deriva como uma “excrecência teórica”, para a qual faltariam fundamentos científicos sólidos. Além disso, a todo momento, o autor, de filiação sociolinguística, faz duras críticas a Naro e Scherre (1993, 2007) – seus companheiros de programa de investigação –, por reabilitarem os pressupostos estruturalistas de mudança. Tendo em vista a complexidade do conflito, que coloca em polos opostos membros de um mesmo programa de investigação e, do mesmo lado, lideranças de programas extremamente opostos, nos valem dos estudos realizados no âmbito da Historiografia e da

Epistemologia da Linguística, os quais revelam que o desenvolvimento das teorias e práticas linguísticas também são permeadas por posicionamentos ideológicos, explícitos e/ou implícitos (SWIGGERS, 2019). Deste modo, o objetivo deste trabalho é mapear como as ideologias linguísticas se manifestaram no debate deriva x crioulização, analisando principalmente as diferentes compreensões de “cientificidade” defendida pelos atores envolvidos na querela. Para tanto, faremos uma análise centrada nas camadas teórica e contextual do conhecimento linguístico.

Palavras-chave: deriva; crioulização; cientificidade; programas de investigação; ideologias linguísticas

Referências

CAMARA JR., J. M. Línguas europeias de ultramar: o português do Brasil. In: _____. **Dispersos de J. Mattoso Camara Jr.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1975.

GUY, G. **Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: Aspects of the Phonology, Syntax, and Language History.** 1981, 392 f. Tese (Doutorado em Linguística), University of Pennsylvania, 1981.

LAKATOS, Imre. Falsification and the Methodology of Scientific Research Programmes. In: LAKATOS, Imre; MUSGRAVE, Alan (Orgs.). **Criticism and the Growth of Knowledge.** Proceedings of the International Colloquium in the Philosophy of Science, London, 1965, vol. 4. Cambridge: Cambridge University Press, 1970. p. 91-196.

LUCCHESI, D. A deriva secular na formação do português brasileiro: uma visão crítica. In: LOBO, T. et al. (orgs.). **Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias.** Salvador: EDUFBA, 2012, p. 249-274.

NARO, A.; SCHERRE, M. Sobre as origens do português popular do Brasil. **DELTA**, v. 9, n. especial, pp. 437-454, 1993.

_____. **Origens do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2007.

SILVA NETO, S. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil.** 2.ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e da Cultura, 1963[1950].

SWIGGERS, P. Ideología Linguística: dimensiones metodológicas e históricas. **Confluência**, 56, p. 9-40, 2019.

TARALLO, F. Sobre a alegada origem crioula do português brasileiro: mudanças sintáticas aleatórias. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (orgs.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica** (uma homenagem a Fernando Tarallo). Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993[1986].

3. MINICURSO

Reverendo o cânone: A prática gramatical latino-americana

com Alfonso Zamorano (Univ. de Córdoba, Espanha)

22 a 25 de abril de 2025, das 14h às 18h.

Ementa: O objeto do curso são os materiais, a constituição de corpora, e a metodologia da análise sobre os escritos gramaticais que circularam na América Latina dos séculos XIX e primeira metade do século XX, que incluam o gênero (e/ou particularidades sócio-políticas e geopolíticas) como categorias relevantes de interpretação da história linguística latino-americana deste período.

3. MESA DE ABERTURA E MESA DE ENCERRAMENTO

Conferência de abertura

Teoría y canon en textos lingüísticos escolares escritos por maestras en España y América Latina (siglos XIX y XX), com Alfonso Zamorano (Univ. de Córdoba, Espanha) 22 de abril de 2025, das 10h às 12h.

Mesa redonda

Aspectos históricos e contemporâneos da Linguística no Sul Global, com Olga Coelho (USP), Perpétua Gonçalves (Univ. Eduardo Mondlane, Moçambique) e Xoán Lagares (UFF) - 25 de abril de 2025, das 10h às 12h

